

Foto: Francisco França/Secom-PB



Paraíba sobe a passarela da São Paulo Fashion Week

A renda renasença produzida no Cariri é destaque, neste domingo, no encerramento do mais importante desfile de moda do país, com transmissão ao vivo pela internet, através das redes sociais do evento. [Página 6](#)

Covid: quase 50% das mortes no Estado estão na Grande JP

Desde o início da pandemia, os 12 municípios que formam a Região Metropolitana registraram mais de 1,5 mil óbitos. [Página 5](#)

Paraíba

Procura por produtos eróticos tem alta durante a quarentena

Apesar do bom resultado nacional em um mercado que movimentou, por ano, R\$ 1 bilhão, na PB os comerciantes reclamam de prejuízos com lojas fechadas. [Página 7](#)

Ingá guarda tesouros como um famoso sítio arqueológico

A enorme pedra de Itacoatiara, ao lado do Rio Bacamarte, é a grande atração turística do município, que possui pouco mais de 18 mil habitantes. [Página 8](#)

Foto: Suzy Lopes/Divulgação

Cultura



Espectáculo celebra, hoje, os 80 anos de Paulo Pontes

Galharufas vai apresentar hoje, através do canal da Funes, no YouTube, 'Um Edifício Chamado 200', uma das peças de maior repercussão do dramaturgo paraibano. [Página 9](#)

Esportes

Treze cai em campo disposto a conseguir uma vaga no G4

Galo tenta sua segunda vitória consecutiva encarando, desta vez, o Remo no Estádio Mangueirão, em Belém do Pará, neste domingo. [Página 12](#)

Ilustração: Tônio



Causos e lendas que constroem a identidade do povo paraibano

Da Mulher de Branco ao Pai do Manguê: conheça algumas das histórias que mais assombram o imaginário do Estado e ajudam a construir a identidade cultural da Paraíba. [Página 17](#)

Colunas

/// Foi-se o tempo em que a posse do diploma de segundo grau era garantia de um 'bom emprego'. [Página 10](#)

Estevam Dedalus

/// Algumas seitas achavam que Jesus era humano, mas não divino, enquanto outras diziam o contrário. [Página 13](#)

Carlos Aranha

/// Adelino Moreira, durante toda a sua excepcional carreira de compositor, foi uma máquina de fazer sucesso. [Página 19](#)

Dom Cardoso

Entrevista



Foto: Divulgação

Célia Regina Professora eleita para a reitoria da UEPB fala sobre os planos para uma gestão participativa. [Página 4](#)

Diversidade



Foto: Marcus Antonius

Atitudes simples Trocar o carro pela bicicleta pode ajudar a melhorar o mundo. [Páginas 13 e 14](#)

Editorial

Dentro e fora

A pandemia de covid-19 fez com que muitas pessoas prestassem mais atenção nos lugares onde moram. Algumas, por incontáveis (e às vezes inconfessáveis) circunstâncias, sentiram-se incomodadas com o isolamento social. Outras, solitárias ou em família, descobriram novos prazeres ou sentidos, seja no cuidado com o ambiente, seja na relação com outras criaturas.

Há casos de pessoas que encontraram motivações existenciais ou espirituais ao iniciarem o cultivo de plantas, a criação de pássaros, gatos, cachorros etc., hábitos que antes não passavam pelas suas cabeças. Músicas foram ressignificadas, livros foram assimilados, camas e sofás perderam a condição de divãs, tornando-se novamente lugares de descanso ou meditação.

Como Julinha cresceu! A voz de Pedro me espanta! Evidências da evolução física e psicológica de filhos e filhas, despercebidas por pais e mães dentro dos dias e noites velozes – para lembrar Ferreira Gullar –, seja na linha condicionada casa-trabalho, seja no aperreio de conseguir, sem emprego, algum meio de subsistência, foram enxergadas na forma de agradáveis surpresas.

Compreendeu-se, finalmente, em vários contextos residenciais, que o afeto suaviza os relacionamentos, não importa a natureza da convivência. Em algumas situações, houve perdão. Em outras conjunturas, o ressentimento resultou em atitudes positivas, como o entendimento de que ciclos fecharam-se, sinais de que chegou a hora de empreender novas experiências.

A questão é saber como o despertar do apreço por si mesmo e a dileção pelos seres humanos que estão imediatamente ao redor, neste caso, dentro do lar, podem irradiar-se ou contaminar – no bom sentido da palavra – a relação com a comunidade na qual a pessoa que se renovou está inserida. Aperfeiçoar o comportamento no trânsito, por exemplo, é mais que preciso.

O mundo como domicílio, eis o fascinante planeta novo – para evocar Aldous Huxley – que certamente brotará das atitudes condicionadas pelo respeito ao outro, que incluem todas as formas da natureza – para celebrar Zé Ramalho e Willian Butler Yeats. Que essa consequência da pandemia seja, portanto, maior que o pandemônio para o qual o mundo contemporâneo aponta.

Artigo

Rui Leitão

urleitao@hotmail.com | Colaborador

A posição firme de Ernani Sátiro

Ernani Sátiro foi um dos mais brilhantes políticos paraibanos. Destacou-se no cenário nacional por sua inteligência e pela forma autêntica com que expressava suas opiniões e as suas convicções políticas. Por ser líder da Arena na Câmara dos Deputados, nos primeiros anos da ditadura militar, era considerado reacionário, homem de direita. Entretanto, todos o respeitavam pela postura digna e ética com que se comportava como político.

No episódio do processo de cassação de Márcio Moreira Alves, em 1968, há um fato registrado pela Revista Veja que define bem a personalidade desse nosso conterrâneo. Estava afastado da liderança, por motivos de saúde, quando estourou a repercussão do discurso do deputado Márcio Moreira Alves, e que deu causa à iniciativa do governo em propor à Câmara a cassação do seu mandato. Sendo figura destacada do mundo político nacional e desfrutando da confiança dos militares

no poder, mesmo convalescendo em um hospital, era o deputado Ernani Sátiro consultado sobre os acontecimentos e o desenrolar da crise.

Informado de que o presidente da Arena, senador Daniel Krieger, havia encaminhado carta ao presidente Costa e Silva manifestando sua discordância do processo contra o deputado Márcio Moreira Alves, Ernani Sátiro, do seu leito de hospital, decidiu telefonar para o ge-

neral Jaime Portela, chefe da Casa Militar da Presidência da República, indagando se o mesmo teria tido conhecimento da correspondência do senador Krieger ao presidente. Recebendo resposta afirmativa, voltou a indagar: “E então?”. O general Portela afirmou: “Acho que ninguém é insubstituível”. Para surpresa do militar, Ernani Sátiro terminou o telefonema declarando: “Olha, Jaime, eu estou inteiramente de acordo com as palavras do alemão”.

A posição assumida por Ernani Sátiro, mesmo ausente da Câmara, foi acompanhada pelo presidente José Bonifácio, defendendo a imunidade parlamentar em termos absolutos. Preocupado com a reação de influentes lideranças do seu partido, o presidente Costa e Silva mandou chamar, um a um, todos os deputados da Arena, e a todos repetia: “Márcio Moreira Alves tem que ser cassado para aplacar a animosidade dos militares”. Sabendo disso, o senador Daniel Krieger fez o mesmo,

chamou todos aqueles que antes haviam estado com o presidente, e afirmou: “Hoje é Márcio Moreira Alves, amanhã poderá ser um de nós. Não se pode abrir mão das prerrogativas parlamentares. Do contrário estamos fritos”. O governo percebeu então que não seria tão fácil conseguir seu objetivo e ameaçou endurecer o jogo. Encontrou pela frente políticos que honraram a nossa história, não se curvando ao império da força do autoritarismo.

/// O governo percebeu, então, que não seria tão fácil conseguir seu objetivo e ameaçou endurecer o jogo. Encontrou pela frente políticos que honraram a nossa história ///

* Rui Leitão escreverá neste espaço, às quintas-feiras e aos domingos, durante as férias de Martinho Moreira Franco.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A Catarral, outra vez

Covid-19, a infestação provocada pelo vírus coronavírus, está demorando mais a sair do que pensavam os palacianos da Alvorada e do Planalto. O presidente provisório apostou ainda seus conhecimentos de medicina de campanha no fim precoce do vírus, segundo ele “uma gripezinha”. O pecuarista Manelito Dantas perdeu algumas rezes da cepa Guzerá D para um vírus que seu gado contraiu numa exposição em Sergipe. Só se leva gado para exposições da melhor qualidade, que o criador tem. Assim, o prejuízo de Manelito foi grande, pois perdeu seus melhores exemplares.

O presidente em exercício, que anunciou o fim da Corona, botou a viola no saco e pegou o trem das onze. É uma pena que o Brasil perca tão poderoso xamã, capaz de curar até essa infestação que trouxe pânico ao planeta. A covid-19 ataca sem distinção de cor ou crença, fazendo suas vítimas entre budistas, cristãos, muçulmanos, marxistas ou de qualquer cor que tenha o semovente.

Parece que não adianta rezar, ou o transcendental é surdo aos apelos das pessoas e famílias vitimadas. Ainda bem que a covid-19 não ataca bichos. Ou ataca, mas de maneira bem menos deletéria que aos humanos: que se saiba, só os felinos são carosáveis ao super-vírus que veio ensinar solidariedade ao bicho homem. Mesmo assim, são maninhos, pois não se reproduzem, quaisquer que sejam as estações do tempo.

Vamos ver quem vai ganhar essa luta desigual: se a poderosa natureza, se o homem e seu conhecimento acumulado. Em quem apostar? Escolha difícil. A capacidade

para acumular, armazenar e transmitir conhecimentos, dão ao bicho homem grande poder. Mas a natureza tem uma carta na manga: a mutação. Quer dizer: o vírus que se combatia no começo dessa infestação já não é o mesmo. Ele muda conforme a conveniência e como soprem os ventos solares. Mudam como os dados de jogar atirados sobre o convés do navio de vento.

Parece que foram feitos um para o outro. O navio e o vento, a obra do homem cavalgando a vontade divina, o vento levando as almas nesse navego eterno sempre recomeçado – como queria Lamartine. Eu escrevera “Lamarine”, mas corrigi em tempo; fica a sugestão.

O relógio cibernético da Internet marca 17h51 para o início do sacrifício da missa. É a missa de João Sitônio Borges, goleiro do Belemnense. O Doca de quando éramos meninos. Não pude vir ao seu sepultamento; no Brasil não se pode ir a nenhum lugar. É a quarentena. Estamos todos em prisão do domiciliar, até quando os deuses do Olimpo e do Planalto quiserem.

Como é que se pode ser batoré e gorducho e goleiro, ao mesmo tempo? João Sitônio podia.

A febre catarral maligna mata a rês em menos de 24h. Não tem antídoto, é pior que picada de cobra coral. O socorro tem de ser imediato. Se o criador estiver com o antídoto à mão, aplique e reze. Pode ser. Depois, enterre os cadáveres envenenados numa cova funda, arme uma coivara grande em cima, toque fogo e vá tomar um banho de álcool, longe do fogo. Sim para matar só os vírus.

/// A Covid-19 ataca sem distinção de cor ou crença, fazendo suas vítimas entre budistas, cristãos, muçulmanos, marxistas ou de qualquer cor que tenha o semovente. ///

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor

Agora eu entendi...



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiege Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

OUVIDORIA: 99143-6762

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Acidentes de motos voltam a crescer e já superaram 2019

De julho a agosto de 2020, número de mortes aumentou 131%, com 37 casos contra 16 registrados no ano passado

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

São os acidentes motociclísticos os maiores responsáveis por vítimas fatais e casos de invalidez no país, segundo dados aferidos pelo Dpvt (seguro para danos causados por veículos) e divulgados no ano passado. Na Paraíba, só no Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, referência no segmento, o número de entradas decorrentes desse tipo de acidente voltou a crescer após queda nos primeiros meses de pandemia. Com mais acidentes e mais mortes, 2020 já contabiliza um aumento de quase 19% no número de óbitos se comparado ao ano passado.

Para se ter uma ideia da incidência, só no feriado de Finados, de 31 a 2 de novembro, foram registrados 123 acidentes envolvendo motocicletas, quase 80% dos 163 acidentes de trânsito que resultaram em atendimentos na unidade de saúde. “São pacientes jovens, de 20 a 40 anos, vítimas de traumas chamados de ‘alta energia’, que podem gerar múltiplas lesões e politraumatismos”, explica Breno Torres, ortopedista do Ambulatório de Traumatologia da Paraíba, unidade onde egressos do Hospital de Trauma seguem com o tratamento.

O médico explica que o quadro clínico comumente delicado desses acidentados requer tratamentos mais complexos, que podem levar meses. “O atendimento hospitalar é o primeiro passo, mas não é o último. Depois da cirurgia no Hospital de Trauma, o paciente passa a ser acompanhado no ambulatório até que as fraturas se consolidem para, em seguida,



Fotos: Evandro Pereira

Acidentes com motocicletas fazem mais vítimas e, comumente, exigem tratamentos mais complexos; é o caso de Edvanilson (abaixo), que há mais de quatro meses passa por um processo de recuperação

reabilitar, ou seja, fazer mais fisioterapia para que a função fique próxima ao normal”, detalha.

O entregador Edvanilson Abreu, 36 anos, está enfrentando esse processo de recuperação há mais de quatro meses quando quebrou bacia, fêmur e joelho. “Vinha na via e fui desviar de um buraco, na minha mão mesmo, e um caminhão invadiu minha faixa e me pegou de frente”. Ele lembra que a última imagem foi a do veículo vindo na direção contrária, quando recobrou a consciência já estava hospitalizado. Foram 18 dias só de internação no Hospital de Trauma, o acidente aconteceu em junho. “Senti muitas dores, muito incômodo, nunca havia me acidentado dessa maneira em 13 anos de moto. Ainda vou fazer mais uma cirurgia no joelho e hoje uso essa bengala para ajudar no apoio porque não sinto segurança e ainda sinto dor para pisar”.

Enquanto aguarda o quarto procedimento cirúrgico o motociclista segue com as sessões de fisioterapia. “É ficar bom para voltar ao trabalho com mais cuidado ainda, atenção por mim e também pelo outro”.

Devido ao isolamento social e à consequente diminuição no número de veículos nas ruas, o Hospital de Trauma Senador Humberto Lucena chegou a registrar queda no número de acidentes envolvendo motocicletas de março a julho, mas os casos voltaram a subir em agosto. Os dados divulgados pela assessoria de imprensa do hospital apontam ainda que, de julho a agosto de 2020, o número de acidentes foi 7% maior se comparado ao mesmo período de 2019, e o número de mortes cresceu 131%, com 16 casos ano passado e 37 este ano.



Três Lagoas: obras em fase de conclusão

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

O trecho nas imediações do Viaduto Ivan Bichara, no entroncamento das rodovias BR-230 e BR-101, está passando por serviços de manutenção, realizado pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), além de obras de drenagem, sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP). Homens e máquinas trabalham na pista, no desassoreamento de uma das três lagoas e na ampliação da rede de escoamento da água para evitar inundações na comunidade Três Lagoas. As obras estão em fase de conclusão e devem ser entregues até o mês de dezembro.

Noé Estrela, coordenador municipal da Defesa Civil, explicou que o desassoreamento foi necessário porque uma das lagoas estava acima do nível da primeira. “Então, a água, no lugar de passar, dava retorno e causava inundação. Estão acontecendo duas situações ali: uma é um projeto de ampliação da rede de escoamento da água, que passa por baixo do asfalto e vai lançar no Rio Jaguaribe. A outra é o desassoreamento da lagoa, e ambas estão em fase de

conclusão”, esclareceu.

A drenagem foi iniciada no mês de agosto, substituindo uma tubulação de 800 milímetros por uma de 1.500 milímetros. Com a medida, a vazão de água que segue para o Rio Jaguaribe é duplicada, evitando inundação na comunidade Três Lagoas. Noé enfatizou que as duas obras estão adiantadas e devem estar prontas no mês que vem.

Pavimento

Outra obra em andamento no trecho é a restauração do pavimento no entorno do viaduto. De acordo com Rainer Branco, superintendente da unidade local do Dnit, o órgão está realizando a restauração do pavimento no entorno do viaduto. O serviço, que compreende a pavimentação das alças, está em andamento e entrando em fase de conclusão.

“A restauração teve início há cerca de três semanas e é um serviço de manutenção localizado naquele trecho. A equipe foi fazendo aos poucos porque tivemos que ir compatibilizando com a operação da rodovia. Não poderia interditar tudo. Então, foi feito um trecho, depois outro”, explicou. A obra de restauração da BR-230 faz parte do programa de manutenção do Dnit para a rodovia. São serviços feitos regularmente e, de acordo com o superintendente, trata-se de um trabalho permanente.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

REITORIA DA UFPB: O ATO PRESIDENCIAL É LEGAL, MAS A PÍFIA REPRESENTATIVIDADE DO ESCOLHIDO É PROBLEMA

Não entro no mérito da legalidade do ato presidencial que nomeou o professor Valdiney Gouveia reitor da UFPB. Tomando por empréstimo o jargão de um comentarista e ex-árbitro de futebol, “a regra é clara”. O presidente da República tem a prerrogativa para nomear quem estiver na lista tríplice resultante de um processo eletivo na universidade. Isso não se discute. O problema é que o professor nomeado obteve uma votação pífia na eleição, algo em torno de 5% dos votos – terceiro colocado, ele obteve apenas 106.496 votos contra 964.518 da primeira colocada, Terezinha Domiciano (foto), e 920.013 de Isac Medeiros, segundo colocado. Os números mostram a raquítica representatividade do nomeado no universo eleitoral da instituição. Na excepcionalidade de ter sido escolhido Isac Medeiros, sua representatividade, no aspecto referido, não poderia ser questionada. E há outro fato contundente que corrobora que o escolhido não seria uma opção para uma importante instância da universidade: o Consuni. E tanto é assim que ele não obteve nenhum voto dentro do conselho. O professor escolhido não pode desconsiderar que seu nome foi rechaçado nas urnas. E como havia apenas três chapas na disputa, um dos candidatos teria, necessariamente, que ficar em terceiro. E, no caso em tela, foi ele.

SOLENIIDADE DE POSSE

Na próxima quinta-feira, o desembargador Saulo Henriques de Sá e Benevides será empossado como novo presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJ-PB), em solenidade virtual – também tomará posse, no mesmo dia, na condição de vice-presidente da corte, a desembargadora Maria das Graças Morais.

POR ACLAMAÇÃO

Como a coluna registrou dias atrás, a eleição deste ano no TJ-PB é, por assim dizer, singular, ao contrário do que ocorreu em 2014, 2016 e 2018: não haverá disputa nas urnas, os desembargadores Saulo Henriques de Sá e Benevides e Maria das Graças Morais serão eleitos por aclamação.

TOLERÂNCIA ZERO

Secretário de Saúde de João Pessoa, Adalberto Fulgêncio confirma que a prefeitura vai recrudescer a fiscalização em bares e restaurantes da cidade que insistem em ignorar as regras sanitárias ainda vigentes devido à pandemia. E confirma também que os estabelecimentos reincidentes poderão ser interditados e multados.

“AMPLIAR AS PARCERIAS”

De Ana Cláudia (Podemos), candidata a prefeita de Campina Grande, em visita à Alparagatas, no Distrito Industrial da cidade: “É compromisso nosso ampliar as parcerias, com a Alparagatas e com outras empresas instaladas em Campina, para que possam ter meios de aumentar a produção, o que irá gerar mais postos de trabalho”.

“NÃO TÊM CONDIÇÕES MORAIS DE APONTAR O DEDO PRA MIM”

O deputado Julian Lemos (PSL), que há meses não polemizava com os filhos de Bolsonaro, voltou à carga contra eles, após presidente postar foto ao lado do senador Collor: “Acreditem, eu era o perigo para @CarlosBolsonaro e @BolsonaroSP. Vocês não têm condições morais de apontar o dedo pra mim. Não me juntei com bandidos”.

PROBLEMAS DE GOVERNABILIDADE

Há outro aspecto que deveria servir de reflexão ao professor Valdiney Gouveia, cuja capacidade enquanto docente não é questionada: as entidades representativas da universidade, entre as quais as dos estudantes, dos servidores, assim como a sua própria, a Adufpb, rechaçam a sua nomeação. Assim sendo, ele, fatalmente, terá problemas de governabilidade.

Foto: Divulgação

Célia Regina
Reitora eleita da UEPB

Um olhar feminino no destino da UEPB



Foto: Reprodução

Primeira colocada em consulta para reitoria da UEPB, Célia Regina quer construir uma gestão participativa para fortalecer a instituição

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobrega@gmail.com

No último dia 21 de outubro, a comunidade acadêmica da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

escolheu a chapa 2, encabeçada pelas professoras Dra. Célia Regina Diniz e Dra. Ivonildes da Silva Fonseca, para ocupar os cargos de reitora e vice-reitora da instituição com 44,34% dos votos totais.

A expectativa pela nomeação e posse, já que o governador João Azevêdo deve seguir a escolha democrática dos técnicos-administrativos, docentes e discentes da UEPB, é de iniciar o trabalho para

fortalecer ainda mais a instituição no cenário estadual, regional, nacional e, inclusive, internacional.

A Universidade Estadual da Paraíba possui oito Campi nas cidades de Campina

Grande (I), Lagoa Seca (II), Guarabira (III), Catolé do Rocha (IV), João Pessoa (V), Monteiro (VI), Patos (VII) e Araruna (VIII). E para atuar nesse fortalecimento da UEPB e da participação feminina

em cargos de chefia, a nova reitora Célia Regina concedeu entrevista ao Jornal A União para falar sobre os planos e projetos de construção participativa nos próximos quatro anos de gestão. Confira:

A entrevista

Professora, qual é a importância de uma chapa liderada por mulheres na gestão pública de uma instituição como a UEPB na atualidade?

■ Para nós duas, tanto para mim, quanto para a professora Ivonildes Fonseca foi uma honra. Primeiro recebemos a indicação de compor a chapa com muita alegria porque acreditamos que essa escolha foi pautada nas nossas vidas, tanto acadêmica, quanto na gestão. Sabemos dos desafios que teremos pela frente. E é importante a participação de duas mulheres porque representatividade da mulher em cargos de poder de decisão nunca é demais em um país com baixíssimo índice de participação das mulheres na política. A participação das mulheres na gestão pública qualifica o debate, a política e a condução da administração. Vemos que a experiência das mulheres que passam a vida inteira lidando com dificuldades por conta de uma cultura que nos deixa em situação de desigualdade, nos permite outros olhares para gerenciar a vida cotidiana de uma instituição como a UEPB. E isso nós já fazemos. A professora Ivonildes já trabalha na gestão, ela é diretora do Centro de Humanidades, em Guarabira. Eu trabalho na gestão há anos, sou professora na UEPB há 26 anos, tenho experiência de trabalhar na gerência de conflitos, temos experiência de gerir em crise. Nós mulheres somos forjadas nas lutas e enfrentamentos diários pelo simples fato de ser mulher e acredito que conseguiremos ter a capacidade de empatia e exercício de autoridade melhorando ainda mais a nossa gestão.

Célia, sabemos que o machismo está presente em todos os âmbitos da vida das mulheres, vocês sofreram algum tipo de machismo durante a campanha para a consulta?

■ As mulheres sempre passam por isso e, infelizmente, muitas vezes as pessoas querem desqualificar ou tentar diminuir por

sermos mulheres. Passamos por machismo antes e depois da consulta, em falas, áudios compartilhados que continham injúria racial e racismo. Mas nós, eu e Ivonildes, sabemos que temos que lutar contra isso com a educação. Nós precisamos trabalhar principalmente educando as pessoas para que a gente possa evitar essas questões de machismo, racismo e homofobia. A nossa gestão irá enfrentar esses problemas. Temos certeza que faremos uma gestão fantástica nessas áreas, primeiro porque somos mulheres e por sabermos do que passamos diariamente.

Com a lista tríplice formada, quando a nomeação deve ocorrer?

■ A gestão do professor Rangel Júnior deve ir até o dia 13 de dezembro, então acreditamos que seja nesse período.

Como vocês receberam a interferência do presidente Jair Bolsonaro na nomeação do terceiro colocado na lista tríplice para o cargo de reitor na Universidade Federal da Paraíba?

■ Recebemos a notícia com muita tristeza porque nós acreditamos que o que deve ser respeitado é a vontade da comunidade acadêmica. Temos que lutar para que isso não vire moda no país, já que não é a primeira vez que acontece, e lutar pela democracia e vontade da comunidade acadêmica da instituição. No nosso caso, nós fazemos parte da lista tríplice, mas acreditamos que o governador João Azevêdo, por ser uma pessoa que age de forma democrática, respeitará a vontade da maioria da instituição.

Quais são os principais desafios a preço de hoje na gestão da UEPB?

■ Nós temos muitos desafios. Temos, desde 2016, uma legislação que bloqueou as nossas progressões, de técnicos e docentes. Em 2017 foi desbloqueado para os anos de 2015, 2016 e 2017, então continuamos com esse bloqueio. O primeiro desafio é

continuar com o diálogo já estabelecido com o Governo Estadual que tem se mostrado muito aberto aos diálogos para chegar ao descongelamento das progressões. Temos ainda a atualização do nosso PCCR, fortalecimento do nosso quadro efetivo com concursos públicos. A questão da pandemia mostra a necessidade cada vez maior de ampliar o cuidado com a saúde das pessoas. Temos também a questão de regulamentar o regime híbrido de trabalho, que foi implementado durante a pandemia. Temos várias outras questões como o fortalecimento da graduação, pós-graduação, pesquisa, extensão, cultura... E fortalecer ações baseadas na governança pública.

O diálogo com a sociedade, através dos projetos de extensão, é uma referência da atuação na UEPB. Teremos mais investimentos na extensão universitária?

■ Com certeza. Trabalharemos com a extensão e cultura cada vez mais próximos da sociedade. Temos um trabalho forte na área da cultura onde a gente insere a população. Então vamos fortalecer e ampliar essas ações. Vamos consolidar e ampliar as atividades já realizadas pela UEPB, valorizando a pluralidade dos projetos de extensão de forma interdisciplinar e multidisciplinar tendo uma ampliação das parcerias com instituições públicas e privadas possibilitando que tenhamos ações de extensão em vários municípios para que a gente chegue mais próximo à comunidade, intensificando esses laços.

Existe alguma articulação, além do Governo do Estado, para ampliar o incentivo à pesquisa na instituição?

■ A Universidade, na gestão do professor Rangel Júnior, mesmo com os cortes, conseguimos crescer na

pesquisa, dobrou o número de cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado. O incentivo à iniciação científica também vem aumentando ano após ano com relação ao número de bolsas. Na pesquisa, conseguimos ampliar os editais de pesquisa de concorrência com recursos internos. Mas precisamos sim incentivar parcerias externas para aumentar o número de investimentos. Vamos trabalhar para fortalecer convênios e parcerias para manter o alto nível das nossas pesquisas.

Os estudantes vão ter um canal de diálogo com a sua gestão?

■ Com certeza. Desde a campanha trabalhamos dialogando com todos. Fizemos uma carta proposta baseada não só no que eu ou Ivonildes pensava, mas dialogamos com os segmentos para construir coletivamente. E vamos continuar no diálogo com todos os segmentos da universidade porque é uma questão primordial. Vamos seguir dialogando porque a comunicação é tudo. Nós queremos uma gestão participativa, dialogada que valorize o ser humano. Uma gestão com muita paz e união para que tenhamos uma universidade forte, de qualidade, que esteja comprometida com a sociedade. Vamos sempre trabalhar com essa política de apoio para estudantes, professores e técnicos. Juntos nós vamos defender a nossa instituição para que ela seja sempre pública e que ela seja uma referência não só na Paraíba.

■ Vamos sempre trabalhar com essa política de apoio para estudantes, professores e técnicos. Juntos nós vamos defender a nossa instituição para que ela seja sempre pública e que ela seja uma referência não só na Paraíba.


PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAÍBA
Avenida João Carlos da Silva, 221
ALTIPLEX José Olimpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999



Foto: Marcus Antonius

Região Metropolitana de JP tem quase 50% das mortes por covid

Municípios que integram a área já registraram 49.452 casos com 1.524 óbitos, segundo Secretaria de Estado da Saúde

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

Foco da maior disseminação e concentração de casos e óbitos por covid-19 desde o início da pandemia, em março, a Região Metropolitana de João Pessoa passa por um momento de estabilidade de novos casos de contaminação pela doença. No entanto, as 12 cidades componentes da região ainda continuam apresentando altos índices referentes à doença e, na última semana, um crescimento de ocupação de leitos de UTI e enfermaria. Juntas, João Pessoa, Cabedelo, Santa Rita, Bayeux, Conde, Lucena, Cruz do Espírito Santo, Rio Tinto, Alhandra, Pitimbu, Caaporã e Pedras de Fogo possuem 36,68% dos casos totais do novo coronavírus no Estado.

Com uma população estimada em 1.290.223 pessoas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região possui 49.452 casos e 1.524 óbitos, o equivalente a 48,44% do número total de falecimen-

tos ocorridos na Paraíba. O Estado possui, até o boletim divulgado na última sexta-feira pela Secretaria Estadual de Saúde (SES), 134.837 casos confirmados, sendo 110.029 considerados recuperados e 3.146 falecimentos em decorrência do agravamento da doença.

As cidades que lideram a maior concentração de casos em comparativo com suas respectivas populações totais são: Rio Tinto (5,21%), Pedras de Fogo (4,82%), Cabedelo (4,86%), Caaporã (4,54%), João Pessoa (4,06%) e Lucena (4,02%).

Ainda em junho, a Prefeitura Municipal de Cabedelo decidiu flexibilizar alguns serviços tidos como não básicos pelo Governo Estadual e é, ainda hoje, uma das cidades com a maior concentração de casos, chegando a 3.340 casos e 78 óbitos. Mesmo com o número significativo, a cidade credita o montante cumulativo, de acordo com os dados comparativos entre número de casos e população, a alta testagem realizada na cidade.



Foto: Marcus Antonius

A testagem em massa é vista Secretaria Estadual de Saúde como uma ferramenta para mapear o comportamento da doença nos municípios

Casos em Cabedelo

Segundo Murilo Wagner Suassuna de Oliveira, secretário de Saúde do município, Cabedelo é uma das cidades que mais testa em todo o Estado e, por isso, mesmo estando entre as cinco cidades com o maior índice de população atingida, a situação está sob controle.

“Essa questão de número de casos, ele é frio e sem análise. Mas a primeira coisa que se tem que saber é a quantidade de testes que nós temos aqui. Já testamos quase 20% da nossa população. Se as outras cidades tivessem testado como testamos, possivelmente estariam no mesmo patamar. Procuramos testar muito e evitar subnotificação. Testamos, isolamos e acompanhamos os pacientes. Então quanto mais se testa, mais controle temos. Então não temos uma situação descontrolada. E nós vamos continuar testando”, ressaltou Murilo Wagner.

Dados do município mostram que dos 3.340 casos de covid-19 na cidade, 3.058 são considerados recuperados, 4.798 foram descartados e outros 382 casos estão sendo investigados.

A testagem em massa é vista pelo secretário da Secretaria de Estado da Saúde (SES), Geraldo Medeiros, como meio para mapear o comportamento da doença nas cidades. “Esse comparativo depende muito da testagem. Às vezes a cidade tem muitos casos, mas não testa. Sabemos que, aproximadamente 80% dos casos são com sintomas leves e, muitas vezes, passa como uma simples gripe ou nem passa. Então é importante testar para poder descobrir os casos e mapear a situação”, declarou Geraldo Medeiros.

Foto: Arquivo Pessoal



Murilo Wagner, secretário, afirma que testagem dá segurança

Cidades têm menos contaminações

Na outra ponta, as cidades com menor número de pessoas atingidas a partir do comparativo com o número total da população são: Cruz do Espírito Santo (3,69%), Pitimbu (3,66%), Conde (3,55%), Alhandra (3,53%), Santa Rita (2,63%) e Bayeux (2,26%).

Renata Martins Domingos, secretária de Saúde do Conde, avalia o bom desempenho da cidade como reflexo da efetividade da tomada de decisão desde o começo da pandemia. A cidade se destacou pelas medidas restritivas rígidas antes mesmo dos decretos mais efetivos do Governo Estadual.

A secretária explica que a principal ação que repercutiu na contenção da covid-19 foram as barreiras, tanto a sanitária, quanto as restritivas de acesso. “Fizemos a barreira sanitária para fazer aferição de temperatura, mas vimos, no feriado da Páscoa, que muitos carros entraram na cidade. E nos outros fins de semana fizemos a barreira restritiva. Só moradores poderiam entrar e sair, diminuindo a circulação de pessoas e a disseminação do novo coronavírus”, afirmou Renata.

Ela acrescentou que o órgão também fez o acompanhamento das pessoas do grupo de risco por meio das unidades básicas e vigilância da saúde, distribuindo máscaras para as pessoas que fazem transporte alternativo, na feira. “acesso às praias foi proibido, as aulas também foram suspensas, logo no início, junto com o isolamento social. Isso foi

o diferencial. A população até agradecia pelas medidas. Foi o diferencial porque fizemos logo no início”, afirmou a secretária.

Com as medidas, o município, com uma população estimada em 25.010 pessoas, tem 888 casos e 17 falecimentos em decorrência da covid-19 após os mais de sete meses de pandemia da covid-19. Agora, mesmo com a flexibilização de atividades econômicas e praias, a cidade segue em estabilidade.

No número de óbitos proporcional à população

específica de cada cidade, João Pessoa, Bayeux e Pedras de Fogo lideram com 0,12%. Cabedelo, Rio Tinto, Cruz do Espírito Santo e Santa Rita vêm em seguida com 0,11%. Fechando a lista surge Pitimbu (0,04%), Conde e Lucena (0,06%), Caaporã (0,08%) e Alhandra (0,09%).

Ocupação de leitos

A Região Metropolitana de João Pessoa também vem apresentando, nas últimas duas semanas, um aumento no número de ocupação de leitos de UTI e enfermaria

específicos para o tratamento da covid-19. Nesta sexta-feira, 38% nas UTIs (adulto, obstétrico e infantil) e 36% em enfermarias (adulto) estão ocupados.

Além dos secretários de Cabedelo e Conde, a equipe de reportagem do Jornal A União buscou os secretários e secretarias de Rio Tinto, Pedras de Fogo, Bayeux, Santa Rita e Alhandra, cidades que aparecem como com maior e menor número de casos no comparativo. Não obtivemos retorno ou resposta até o fechamento da matéria.

Foto: Arquivo Pessoal



A secretária Renata Martins explica que a principal ação na contenção da covid-19 foram as barreiras no Conde



Renda paraibana brilha hoje no São Paulo Fashion Week

Coleção Zuzu Vive, do estilista Ronaldo Fraga em parceria com artesãs do Cariri, é um dos destaques do evento, que este ano é virtual

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

O mundo da moda foi mais um segmento que precisou se adaptar diante da pandemia da covid-19. Para alguns, a alternativa foi diminuir os convidados e respeitar as medidas de distanciamento social, como a Semana de Moda de Paris. Para outros, como a grife Chanel, a digitalização do desfile foi a solução mais viável e segura. No Brasil, o São Paulo Fashion Week, maior evento de moda do país e o quinto maior da América Latina, aconteceria em abril, mas, em razão da pandemia, o evento se transformou em virtual e teve início no último dia 4. No encerramento da semana da moda brasileira, o estilista mineiro Ronaldo Fraga apresenta hoje, às 21h30, nas redes sociais do evento, sua coleção Zuzu Vive, em parceria com as Rendeiras do Cariri paraibano.

O primeiro trabalho dessa parceria foi lançado no iní-

cio deste ano, durante o Salão do Artesanato Paraibano, com a coleção #SomosTodosParaíba, inspirada na obra de Flávio Tavares, artista plástico local. “Ele fez uma releitura de detalhes dos meus quadros. Uma interferência benéfica, inclusive com a cor, os símbolos que eu uso na minha pintura e achei que o processo foi muito feliz, porque introduz o princípio da cultura das artes plásticas dentro de uma cultura da renda renascença de forma bastante digna”, contou Tavares.

A coleção #SomosTodosParaíba seria levada ao SPFW, que aconteceria em abril, para o desfile de Ronaldo Fraga. Como, devido à pandemia, o evento não aconteceu na data prevista, o estilista resolveu “pegar os limões e fazer uma limonada”, aproveitando o tempo a mais para desenvolver a coleção Zuzu Vive, em homenagem à estilista brasileira Zuzu Angel, pioneira no uso dos bordados e artesanatos na moda nacional.



Foto: Secom-PB

No início do ano, Ronaldo Fraga apresentou, no Salão de Artesanato Paraibano, a coleção #SomosTodosParaíba

A inspiração para o trabalho veio, na verdade, do fundo do baú. Em conversa com Fraga, o designer explicou que, como não desistiria de levar o trabalho em parceria com as rendeiras para o SPFW, pensou em falar de Brasil e ainda resgatar uma antiga história de amor: “Zuzu

Angel foi a primeira a olhar para os materiais brasileiros. O coração da Zuzu pulsava onde hoje pulsa o meu. Eu fiz uma coleção em homenagem a ela que se chamava ‘Quem Matou Zuzu Angel?’. Foi um marco na minha carreira e também na história do São Paulo Fashion Week”, disse

Ronaldo Fraga. Esse ano essa coleção completa 20 anos.

A ideia foi então relacionar a história de vida de Zuzu, que foi assassinada pela Ditadura Militar depois de comprovar que seu filho havia sido torturado e morto pelos militares, mas usou a moda como manifesto políti-

co; com a história de vida das rendeiras paraibanas, que travam suas próprias lutas por sobrevivência.

“Eu tento falar com artesãos nos quatro cantos do país que, mais do que uma forma econômica, de ganhar dinheiro e pagar as contas, o artesanato é uma escrita pessoal de cada um. E essa escrita pode ser uma escrita de amor, de poesia e até mesmo uma escrita de protesto”, completou o estilista mineiro.

Fraga aproveitou o momento para celebrar a parceria com as rendeiras. Segundo ele, cada encontro é uma viagem e uma troca sem fim. “Eu acho importante dizer isso, porque esse encontro é uma via de mão dupla, do designer com o artesão. Eu digo a elas que quem domina a arte da renda são elas, eu entro ali com um olhar mais analítico, crítico, de sugestão, de desenho, de parceiro, de cores e a partir daí a gente vai construindo juntos, a várias mãos”, ressaltou ele.

Evento é uma porta aberta para o mercado internacional da moda

O trabalho com as rendeiras do Cariri paraibano nasceu de uma parceria do Governo do Estado, através do Programa do Artesanato Paraibano, com o Sebrae e Ronaldo Fraga. A iniciativa pretendia suprir as demandas apresentadas pelas artesãs, que desejavam maior competitividade no mercado, inovação e mais visibilidade. A exibição no SPFW será de suma importância para abrir essas novas portas, pois o evento é uma grande vitrine aberta para o mundo todo, englobando a alta costura, estilistas, boutiques e também formadores de opinião, influenciadores digitais e blogueiras de moda, por exemplo.

“No meio de tudo isso, nós temos duas outras chances também, porque Ronaldo abriu as portas do Grande Hotel Ronaldo Fraga, que é uma loja que ele tem em Belo Horizonte, para vender essas peças da coleção, para ser mais um canal de escoamento dessa produção, e também vai abrir um site com tudo que ele tem nessa loja, incluindo essas peças. Ele, como uma pessoa



Foto: xxxxxxxxxxxxxxx

Gestora do PAP, Marielza Rodriguez, destaca nova plataforma de divulgação

que também é um grande formador de opinião e que arrasta multidões, esperamos que venda bastante”, disse a gestora do Programa do Artesanato Paraibano, Marielza Rodriguez.

“Além disso, nós lançamos há mais ou menos um mês a plataforma do Artesanato Paraibano, onde essas

peças já estão lá e vamos inserir mais fotos das rendeiras do Cariri. Hoje, elas estão no instagram coletivo do Consórcio das Rendeiras do Cariri paraibano, que tem cinco associações, duas cooperativas e mais de três mil mulheres beneficiadas nesse instagram @rendasdocariri”, concluiu Marielza Rodriguez.

+ Zuzu vive na arte das rendeiras

A gestora do Programa do Artesanato Paraibano, Marielza Rodriguez, ratificou a ideia de ser transmitida pelo designer com a coleção Zuzu Vive. “Faz um paralelo da luta de vida, da mulher de fibra e guerreira que foi Zuzu Angel com a luta e vida das rendeiras do Cariri paraibano, que também são mulheres de fibras, que estão na luta com mil adversidades; são mulheres de resistência e ainda fazem a renda Renascença e sobrevivem desse ofício, criando suas famílias”, destacou Marielza. “O nome do desfile dele é Zuzu Vive e a gente tá dando um slogan de Zuzu Angel vive nas Rendeiras do Cariri paraibano”, completou ela.

O evento, por si só, já agregou muita inovação, visto que acontece todo online de forma inédita. A proposta da edição é de que cada estilista faça um vídeo, de acordo com o espírito de sua marca, para ser transmitido pelo YouTube e Instagram do SPFW, no horário correspondente ao seu desfile. E, além disso, o material audiovisual está sendo projetado em prédios e espaços públicos de São Paulo, quebrando a tradição da semana de moda nacional, que acontecia sempre “presa” em um ambiente, e levando o desfile e a moda para as ruas. A iniciativa partiu do idealizador do Fashion Week paulista, Paulo Borges.

Ronaldo Fraga convida a todos para “sentarem à mesa” com ele, Zuzu Angel e as rendeiras do Cariri paraibano. O desfile promete mesclar os artesanatos mineiros, com as produções da Renda Renascença paraibana e apresentar um Brasil pulsante, como pontuou o designer mineiro. “Eu tenho essa paixão pela Paraíba e na apresentação teremos Minas Gerais e Paraíba de mãos dadas. Isso é o Brasil. O Brasil que temos que focar, que tem uma força poética e cultural que são armas extremamente poderosas para vencer tempos obscuros, como esse que paira sob o nosso país”, disse ele.

Foto: Reprodução



Zuzu Angel usou a moda como ferramenta de resistência



Fotos: Roberto Guedes

Celso Aparecido (abaixo) é dono de uma loja há 18 anos e disponibiliza produtos que vão de R\$ 10 a R\$ 50 mil

Procura por produtos eróticos registra alta na quarentena

Mercado movimenta R\$ 1 bilhão ao ano, mas, na PB, empresários reclamam de prejuízos com o fechamento do comércio

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Os temas voltados à sexualidade têm ganhado espaço nos debates e, nesse sentido, a tecnologia tem contribuído para essa divulgação. A consequência dessa dinâmica é que a demanda de pessoas que procuram prazer, seja a sós ou acompanhadas, tem aumentado, assim como a oferta de produtos e serviços. Apesar de ainda ser considerado tabu, o mercado de produtos eróticos tem crescido, mesmo que a passos não muito largos. Quem está há anos trabalhando no setor acredita que a resistência decorre principalmente de questões sociais, como o preconceito e o machismo.

O mercado de produtos eróticos, por exemplo, movimenta no país mais de R\$ 1 bilhão por ano, de acordo com dados de 2018 divulgados pela Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual (Abeme). Desde o início do confinamento, mais de 1 milhão de vibradores foram vendidos em todo o Brasil e o setor disse ter superado em 4,12% as vendas do ano passado.

Na Paraíba, donos de sexy

shops apostam em itens e produtos para todos os gostos e bolsos. É uma infinidade de objetos, cosméticos, jogos, lingerie, fantasias. Na loja que possui há quase 18 anos, Celso Aparecido disponibiliza produtos que vão de R\$ 10 a R\$ 50 mil reais. “De um gel comestível a uma boneca ou boneco real”. O público é variado, mas, segundo o entrevistado, predominam casais na faixa dos 18 aos 45 anos. “Justamente quando os hormônios estão mais ativos e quando se alcança uma certa estabilidade financeira”.

Os mais maduros também aproveitam e, para esse grupo, as compras na sexy shop são, em grande parte, por outro motivo. “Aí a gente já percebe que se trata de pessoas que querem prazer sem preocupação. Muitas saíram de relacionamentos e não querem entrar em outro”, avalia. O empresário aposta também em um público que não tem tanta afinidade com esse universo.

Membro de uma igreja evangélica, Celso conta que o fato de trabalhar a sexualidade e a individualidade sagrada tem aos poucos diminuído a resistência das pessoas mais conservadoras. “Está tendo uma abertura

muito grande de pessoas vindo à loja e se identificando como cristãs a partir do momento que, às vezes, dentro da loja a gente está ouvindo um louvor, uma música gospel. A gente trabalha no sentido de tirar essas prisões da sexualidade.”

Mas o crescimento nas vendas registrado no país este ano durante o período da quarentena parece não ter atingido o mercado local, que sofreu com o comércio fechado e a escassez de produtos. A empresária Marisa Sampaio conta que o fechamento da loja durante o isolamento social causou prejuízo. No setor há mais de 20 anos a entrevistada afirma que sentiu na pele as consequências da pandemia. “Foi muito difícil, nós nunca tínhamos passado por uma fase tão complicada”.

Para a empresária, que é também coach sexual e possui formação em Artes Sensuais, o contato com o cliente faz diferença. “A nossa venda é uma venda quente. A gente conversa com os clientes, fala sobre os produtos, esclarece, tira dúvidas. Nós fazemos questão de estabelecer esse relacionamento que no online não acontece”.

Profissionais ajudam no processo

O psicólogo e terapeuta sexual, André Memória, se interessou pela área quando ainda era estudante. Há alguns anos no mercado, o especialista que é também coach sexual, explica que a demanda ainda é pequena e que há sim resistência em procurar o profissional que auxilie e oriente sobre essas questões. “Geralmente é o público feminino. Os homens costumam resolver as questões sexuais de uma forma mais prática, digamos assim, com medicamentos ou outros produtos”, disse.

E o que mais atinge ou prejudica a vida sexual? Segundo André Memória são as questões da cabeça as grandes responsáveis por frustrar a plenitude da sexualidade. “As causas somente orgânicas existem, mas elas são a menor parte. A maior parte são causas psíquicas”, explicou. Entre o público masculino as queixas passam por problemas de impotência e orgasmo, seja precoce ou tardio. Entre as mulheres a anorgasmia, dificuldade ou incapacidade de atingir o orgasmo, é a queixa mais presente. “Existem vários modos de abordagem e eu sempre trabalho com a reflexão sobre o que está acontecendo, -trazendo à tona, se neces-

sário, questões do passado- para estabelecer as diretrizes do que será feito e assim alcançar uma vida sexual melhor”. O entrevistado conta que costuma administrar exercícios e práticas que auxiliam no processo, que deve ser contínuo.



Foto: Marcus Antonius

André: resistência do público em procurar um 'coach'

Terapias alternativas expande a satisfação sexual

O casal de terapeutas, educadores sexuais e coaches de relacionamento e sexualidade, Bia Neppel e Cleyton Sales trabalham na área desde 2014 e já tiveram a oportunidade de ajudar casais e solteiros do Brasil e até de fora do país, a sair da insatisfação na vida sexual através do tantra, filosofia comportamental de expansão de consciência.

Eles afirmam que é possível auxiliar homens e mulheres com problemas de ereção, ejaculação precoce, falta de orgasmo, dores na penetração através da terapia tântrica, que envolve meditações, respiração, massagem tântrica e exer-

cícios para trazer consciência corporal.

A massagem tântrica citada trabalha a sexualidade de forma séria, responsável e sagrada. “É uma ferramenta que ajuda a trabalhar a conexão do corpo, trazer consciência corporal, potencializar a nossa carga orgástica”, explica Bia Neppel, que, junto ao marido ministra palestras, cursos e workshops sobre o universo do tantra, que também enfrenta resistência.

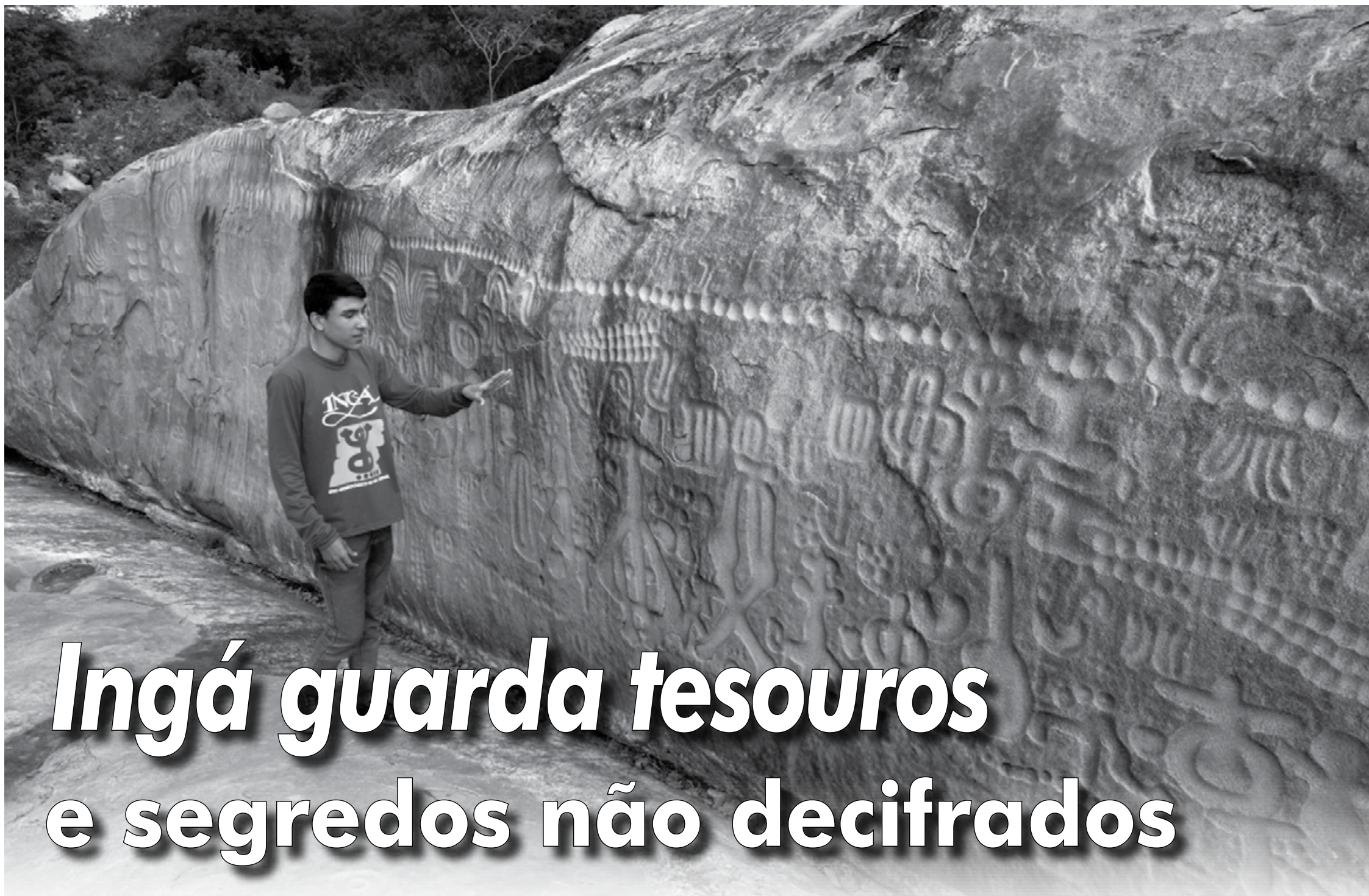
A entrevistada conta que as pessoas só não são mais realizadas na área, por não se permitirem. “Com certeza as crenças religiosas, familiares

e culturais afetam muito nossa entrega ao sexo e ao prazer”. Bia Neppel explica que quando conhecem mais sobre o assunto, as pessoas automaticamente passam a se interessar mais e conseqüentemente se permitir mais. “O Nordeste é muito resistente e em João Pessoa lembro que houve caso de turma que não fechou, por falta de alunos, por vergonha, medo, machismo. Interessante que a virada de chave acontece quando a gente traz uma outra visão do que é o sexo e de como atingir o prazer de forma plena, se conhecendo e levando para o sexo a comunicação necessária para que a gente sinta prazer”.



Foto: Divulgação

O casal Bia Neppel e Cleyton Sales ministram palestras, cursos e workshops sobre o universo do tantra



Ingá guarda tesouros e segredos não decifrados

Sítio arqueológico com inscrições rupestres é patrimônio nacional e a maior atração turística do município

Laura Luna
lauraragao@gmail.com

Ingá é uma verdadeira riqueza da Paraíba e não é por menos, o município de pouco mais de 18 mil habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2018, guarda em suas pedras algumas das maiores preciosidades arqueológicas do país e quiçá do mundo. Não por menos a conhecida Itacoatiara, bloco rochoso com desenhos esculpidos em baixo-relevo, desperta a curiosidade de estudiosos de todas as partes.

Na enorme pedra situada bem ao lado do Rio Bacamarte, é possível ver claramente símbolos que lembram pessoas e animais ladeados por desenhos que mexem com a geometria. Em certos pontos pode-se perceber a presença de círculos, linhas onduladas e até gravuras com formato de cone espalhados na pedra que mede 24 metros de comprimento e 3,8 metros de altura. Importância que fez do local o primeiro monumento arqueológico tombado como patrimônio nacional, isso no ano de 1944.

Segundo pesquisadores as inscrições pertenceram a uma cultura extinta entre 2.000 e 5.000 anos atrás mas não há consenso sobre o que quiseram passar nos escritos ao certo. "Interessante é que cada figura é feita com bastante definição, riqueza de detalhes, diferente de outras escrituras rupestres que são encontradas em outras regiões do Nordeste", aponta Eudo Augusto, historiador e admirador das belezas de Ingá. "Estive no município antes da pandemia e pela terceira ou quarta vez, me impressionei com o que vi. É um verdadeiro tesouro incrustado na rocha e que deve ser preservado e valorizado".

A visita ao lugar é de encher os olhos e impressiona pela beleza natural, tanto do rio que esculpiu as pedras ao longo do tempo e que no período de chuvas tem as águas aumentadas encobrendo as rochas, quanto pelo verde da ve-

getação que emoldura o cenário. No complexo onde está a pedra há também o museu de história natural, criado em 1996, que possui no acervo fósseis de animais extintos há mais de 10 mil anos.

A cidade está localizada a 109 km da capital João Pessoa. A cidade que em tupi-guarani significa 'pedra pintada', tem 288 km² de área e limita-se com os municípios de Mogeiro, Itatuba, Fagundes, Riachão do Bacamarte, Serra Redonda, Juarez Távora e Campina Grande. Situada no agreste, possui clima agradável, em torno de 26°, e é rica em vegetação arbustiva de mata úmida.

Futuro

Além de pré-história Ingá tem presente e olha para o futuro. A cidade que já foi a maior produtora de algodão do estado hoje se destaca na agricultura e pecuária e tem no turismo, claro, atividade de destaque. São muitos os empreendedores que fazem do turismo em Ingá meio de vida e sustento para a família. Artesanato, culinária e hospedagem têm público certo e pode perguntar: quem já esteve em Ingá não esquece, quer voltar e indica o passeio. É a primeira cidade a realizar convênio com o Governo do Estado para fornecimento da Identidade Digital à população o serviço que reduz consideravelmente o tempo de entrega do documento físico já está disponível e é a prova de que passado e futuro caminham juntos, lado a lado.

Ingá também é famosa pela alegria de um povo que celebra e festeja a vida somando momentos especiais. A festa das Rosas é um exemplo disso. O evento é tido como patrimônio cultural da cidade e mesmo com as mudanças decorrentes do passar dos anos ainda é tida como símbolo do povo Ingaense, que conquista, pelo sorriso e receptividade, visitantes e turistas. Vale lembrar que além da beleza natural e rupestre, Ingá possui belos casarios, praças e a charmosa paróquia de Nossa Senhora da Conceição.



Foto: Marcus Antonius

A cidade de pouco mais de 18 mil habitantes, no Agreste parabaino, tem clima agradável, com temperatura média de 26 graus

Foto: Divulgação



Na Festa das Rosas, desfiles recontam a formação histórica e cultural do município, que é ligada ao povo indígena

Versões diferentes sobre a fundação

A emancipação política de Ingá aconteceu há 180 anos. Segundo dados da Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup) há duas versões sobre a fundação do município de Ingá. A primeira diz que as terras foram exploradas pelo português Manuel da Costa Travassos, que em pouco tempo fixou residência na região. Trabalhou com

gado e construiu uma capela que dedicou a Nossa Senhora da Conceição. Em torno da capela surgiu um povoado, elevado à categoria de vila em 1840 com o nome de Vila do Imperador.

A outra versão diz que, em meados do século XVII, as terras estavam ocupadas com fazendas de gado dos conquistadores Francisco de Arruda

Câmara e Gaspar Correia. Em 1776, teria chegado ao local Manoel Francisco, que instalou moradia e fazenda de gado às margens do rio Cairaré. Em 1864, Vila do Imperador teve o nome mudado para Ingá. Em 1900, o município foi extinto e restaurado em 1904, através da Lei 225 de 19 de novembro. A comarca de Ingá foi criada em 10 de abril de 1940.



Foto: Instagram/Treze

Leitura encenada celebra os 80 anos do teatrólogo Paulo Pontes

Neste domingo, Funesc apresenta virtualmente uma sátira assinada pelo dramaturgo paraibano

Guilherme Cabral
guipb_jornalista@hotmail.com

O dramaturgo Paulo Pontes (1940-1976) estaria completando 80 anos de idade neste domingo. A Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), no intuito de prestar homenagem póstuma a esse que é considerado um dos grandes nomes das artes cênicas no Brasil, apresenta, em parceria com a Cia. Galharufas de Teatro, a leitura encenada do texto *Um Edifício Chamado 200*.

A adaptação feita especialmente para a ocasião será disponibilizada em vídeo gravado, com duração de aproximadamente 50 minutos, a partir das 20h, no canal oficial da Funesc no YouTube (/funesc-pbgov), na qual ficará permanentemente no catálogo da instituição para o acesso gratuito.

A leitura encenada é uma comédia ambientada no bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro. A encenação – dirigida a seis mãos pelos paraibanos Tony Silva, Suzy Lopes e o paulista Léo Palma – foi gravada nesta semana, no teatro que leva o nome do homenageado, localizado no Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa.

No elenco estão Pedro Delgado, Fernanda Maranhão, Erika Paz, Renã Herbert e Elias Matias, todos integrantes da Cia. Galharufas e que foram alunos do tradicional curso de teatro da Funesc.

Um Edifício Chamado 200 é uma sátira às ambições da baixa classe média carioca. O espetáculo, que obteve mais sucesso de público do que de crítica, é inspirado nas chanchadas e o autor Paulo Pontes desperta a atenção do público para uma novidade da época em que o texto foi escrito, nos anos 1970: a loteria esportiva.

Originalmente, quem protagonizou a montagem foi o ator cearense Milton Moraes (1930-1993), no papel do



Integrantes da Cia. Galharufas de Teatro em 'Um Edifício Chamado 200': texto de Paulo Pontes dos anos 1970 é bastante atual por analisar e criticar a sociedade brasileira através de suas ambições

apostador de loterias Alfredo Gamela, que saiu da Zona Norte do Rio de Janeiro para o bairro nobre de Copacabana, sonhando com dias melhores, pois pensava em ficar rico por meio das apostas.

No entanto, enquanto Alfredo Gamela passa os dias sem trabalhar, obcecado pelo sonho de uma fortuna fácil, sua mulher continua a lutar pelo pão de cada dia. Paulo Pontes usa a loteria como pretexto para analisar satiricamente a mentalidade do brasileiro comum, a sua ambição e a descrença na possibilidade de conseguir algo por si mesmo, aliado à fé exacerbada na sorte que mudará o seu destino.

“Quereria escolher um texto que não fosse conhecido do público”, apontou a diretora e atriz Suzy Lopes. “Quando sentamos para decidir, eu disse que qualquer um texto, menos o *Gota d’Água*, que é o último escrito por ele, quando estava na fase mais madura, e que, realmente, é um grande texto. Mas parece que Paulo Pontes só tem o *Gota d’Água*, quando tem muitos outros”.

A gerente de Teatro da Funesc contou que, na reunião, também foram avaliados os textos *Fausto*, *Brasileiro* e *Profissão Esperança*. Segundo Lopes, *Um Edifício Chamado 200* foi escolhido por causa do contexto, absolutamente atual.

Tony Silva comentou que a escolha da leitura encenada se deu pela quantidade de atores que estão no elenco de *Um Edifício Chamado 200*. “O processo remoto foi difícil no começo, mas depois a situação se resolveu quando foram realizados quatro ensaios presenciais, sempre com a adoção de todas as medidas de segurança sanitária de prevenção contra a pandemia”, garantiu.

Suzy Lopes explica que a leitura encenada não é um espetáculo, no qual os atores estão, por exemplo, usando os figurinos. “Eles estão com os textos nas mãos, é uma leitura dramática, que é algo que sempre realizamos, a exemplo de

Anayde – Leitura Encenada, que foi apresentado na abertura do projeto ‘Agosto das Letras’, em 2018, como também o Serviço Social do Comércio faz com o ‘Sesc Dramaturgia’. E pode ser um exercício para alunos. Vira e mexe, a leitura encenada é um gênero muito utilizado na área”, disse a atriz.

De acordo com o terceiro diretor, Léo Palma, a ideia da montagem é como se fosse uma trupe de teatro que está ensaiando uma peça no Teatro Paulo Pontes. “Esse texto escolhido não é exatamente leve, mas tem alguns aspectos cômicos”, analisou. “Acho que isso traz leveza para a homenagem a Paulo Pontes. O grupo

abraçou a ideia e não precisou de tantos encontros para os ensaios e, como é uma leitura encenada, cada ator deu vida aos personagens e procurou dar seu colorido ao texto. Acho que esse foi o desafio maior”.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial no Youtube da Funesc

“Hoje, faz falta ao Brasil um líder com a dimensão de Paulo Pontes”

“Paulo Pontes é um dos dramaturgos mais importantes do teatro brasileiro nos anos 1970 porque criou obras de grande sucesso de público, como *Gota d’Água*, que é um dos melhores textos do teatro nacional e até mesmo mundial daquela época”, pontuou o pesquisador e dramaturgo Paulo Vieira. “Ele tinha forte atuação em favor da classe teatral contra a ditadura. Hoje, faz falta ao Brasil um líder com a dimensão de Paulo Pontes, que lutava em favor dos direitos e da obra do autor brasileiro de peças, que a censura infernizava”.

Autor da dissertação de mestrado sobre a vida e obra de Paulo Pontes que escreveu, orientado pelo professor e crítico teatral mineiro Sábato Magaldi (1927-2016), na Universidade de São Paulo (USP), em 1989, Paulo Vieira fez algumas observações com relação a *Gota d’Água*. “Chico Buarque levou todos os louros

por esse texto, mas não colocou uma vírgula. Ele fez foi as músicas, que são maravilhosas. Chico me disse, em depoimento, que recebia o texto já em versos de Paulo Pontes e ia ajeitando a métrica e a rima, no primeiro instante. Depois, Paulo Pontes aprendeu como fazer isso e enviava já pronto”.

Segundo Paulo Vieira, *Gota d’Água* é um dos melhores textos do teatro brasileiro e mundial “pela riqueza vocabular, a construção do texto, a quantidade de personagens e a temática, que é mais do que a *Medeia*, mito sobre o qual a peça grega clássica de Eurípedes trata, mas também aborda as questões sociais e políticas do Brasil naquela época em que foi escrita, em 1975, ano em que também foi publicada”.

A atriz Suzy Lopes falou que a obra de Paulo Pontes é extremamente rica e alerta: “É impressionante como, mesmo em João Pessoa, poucos conhecem a sua

importância. Alguns têm um susto ao saber que Paulo Pontes é paraibano, o que demonstra que as pessoas não têm memória. Além disso, era um cara muito contestador e é autor de textos maravilhosos e construir, em cena, um perfil do brasileiro é um dos aspectos importantes da sua obra”.

“Todos os seus textos são incríveis e, por isso, é um dos maiores dramaturgos brasileiros. Acredito que a transmissão da leitura encenada de *Um Edifício Chamado 200* servirá não apenas como uma homenagem pelos seus 80 anos de vida que completaria, mas para divulgar sua obra para o público”, comentou o diretor Tony Silva.

Léo Palma também acredita que a iniciativa dará visibilidade ao trabalho do paraibano. “O legado é a sua própria obra, que vai permanecer viva na memória de todos sempre que seus textos forem apresentados”, declarou.

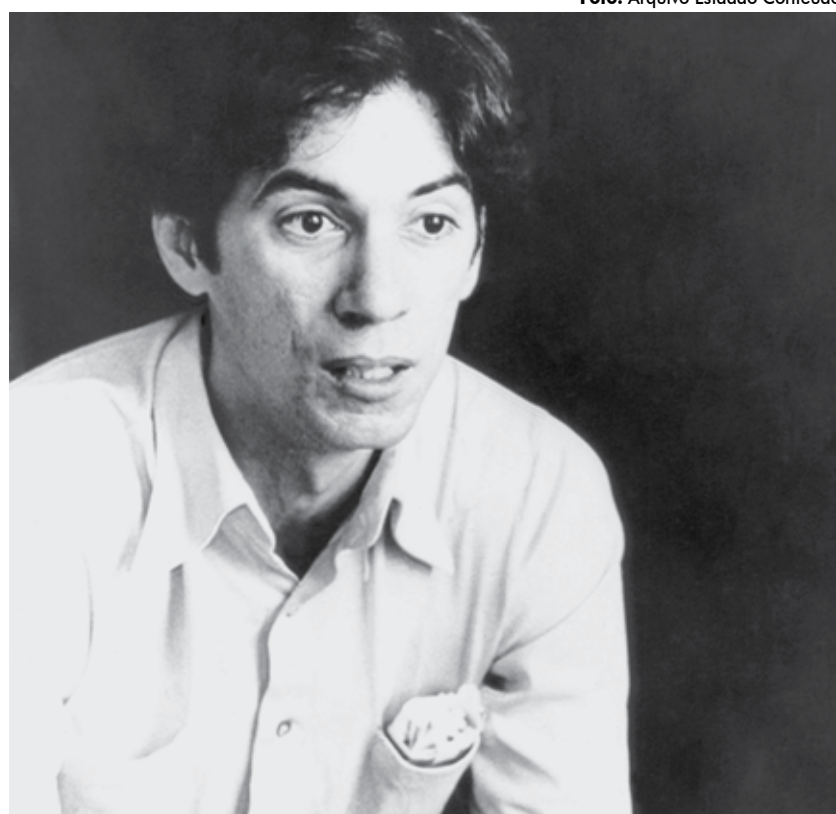


Foto: Arquivo Estádio Conteúdo

Na época dos ‘anos de chumbo’, Pontes lutava pelos direitos autorais e contra a censura

Educação e desigualdade

A diminuição das desigualdades sociais fazia parte dos planos dos fundadores da escola pública, obrigatória e universal. O argumento, de inspiração liberal, dizia que níveis de escolaridade maiores elevariam os índices de mobilidade social. Isso, de fato, é mais truísmo do que verdade. Em primeiro lugar, porque a educação básica universal e o acesso crescente a títulos acadêmicos levam a um efeito inflacionário.

A canção 'Tudo para ser feliz', de Totonho, ajuda a ilustrar essa ideia: "Eu / Tinha tudo pra ser feliz / Segundo grau completo / Curso de datilografia / Uma passagem de ônibus / Pra outro lugar do país / Por que ela não me quis? / O que eu posso fazer? / O quê? O quê? O quê?".

Foi-se o tempo em que a posse do diploma de segundo grau era garantia de um "bom emprego". A lógica é a seguinte: quanto mais pessoas têm os mesmos títulos escolares, menos eles valem para o mercado. É a lei da oferta e da procura. O fenômeno pode ser visto no ensino superior. O aumento no número de alunos formados faz com que os títulos de graduação se desvalorizem. O mesmo raciocínio pode ser aplicado à pós-graduação.

O Brasil é um dos países do mundo que mais formam bacharéis em Direito. Segundo dados de 2014, são formados aqui anualmente mais graduados em Direito do que o número total de advogados da França. O que levou, à época, o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Marcus Vinicius Coelho, a usar a expressão "estelionato educacional" para se referir à grande quantidade de faculdades de direito em funcionamento e à baixa qualidade dos cursos. Saltamos de 200 instituições na década de 1990 para 1300 em 2014. A grande maioria dos bacharéis é reprovada no exame da Ordem; peneira que reduz a oferta de mão de obra.

Mão de obra excessiva é sinônimo de salários baixos. Karl Marx chamava de exército industrial de reserva

a força de trabalho excedente; os tais desempregados estruturais. Esses são necessários à lógica de exploração capitalista, na medida em que possibilitam o aumento dos lucros dos patrões, ao contribuir com o processo de barateamento médio do valor dos salários.

O desemprego estrutural é uma característica do sistema capitalista que chega a afetar os países mais ricos do mundo. Na Alemanha, em 2015, mais de três milhões de pessoas, entre homens e mulheres, figuravam entre os desempregados estruturais. Para usar um português mais claro: o mercado de trabalho alemão é incapaz de absorver essas pessoas! Há um desequilíbrio entre o número de postos de trabalho e a demanda por emprego, mais gente desempregada do que vagas disponíveis.

Esses três milhões de pessoas estariam condenadas à miséria não fossem as políticas sociais do Estado alemão que incluem o pagamento de seguro saúde, salário mensal, auxílio moradia (inibidor de favelas no país). Perto disso, o Programa Bolsa Família é liliputiano. Tais medidas, no entanto, são paliativas. Não atacam a raiz do problema, apenas seus efeitos.

O desemprego estrutural tende a ser maior na periferia do capitalismo. Quando a baixa atividade produtiva, a péssima distribuição de bens materiais e simbólicos e a falta de um bom sistema de proteção social convergem, as coisas se tornam ainda piores. Na Índia, por exemplo, mais de 150 milhões de pessoas vivem em favelas, sem saneamento básico, submetidos à escassez de alimentos. No Brasil, aproximadamente 30 milhões de pessoas estão em condição de pobreza extrema. Mais de 10% da população vive em favelas. A taxa de desemprego oficial ultrapassa 13% e as expectativas não são animadoras.

Não me saem da cabeça as palavras de Marx: "De cada um, de acordo com suas habilidades, a cada um, de acordo com suas necessidades."

A dor de suportar-se

A criação artística é complexa. Geralmente, a criatividade sublima uma dor psíquica ou dignifica uma falha existencial. Os filósofos, cientistas, em especial os poetas, usam os transtornos psíquicos e a melancolia para potencializar a criatividade. Diante das contribuições artísticas, percebo que muitos ao contemplar uma obra de arte se 'curam' das próprias crises existenciais, e os artistas permanecem com suas dores insuportáveis... isso é cruel. Diante da criação artística, como se deve suportar a angústia de curar os outros e não curar a si mesmo? O compositor russo Pyotr Ilyich Tchaikovsky (1840-1893) é um exemplo desse paradoxo.

Tchaikovsky foi um dos seis filhos de uma família de classe média russa. O seu primeiro contato com a música foi ouvir as canções populares cantadas pela mãe. Aos cinco anos, ele aprendeu a tocar piano. Aos 14 anos, é acometido de uma depressão devido à morte de sua mãe, que o marcou por toda vida. Ele iniciou os estudos em advocacia na Escola de Direito de São Petersburgo. Ao trabalhar no Ministério da Justiça, ele foi desprezado e considerado mau funcionário. Quando jovem, nos seus relacionamentos amorosos, Tchaikovsky não conviveu com a felicidade que o amor podia dar, mas compreendeu a força do amor. Com pouco mais de 20 anos, ingressou no Conservatório de São Petersburgo e seguiu os cursos de composição, piano, flauta e órgão. Meses depois, abandonou o seu trabalho no Ministério da Justiça. Aos 26 anos, ele foi convidado para ser professor do Conservatório de Moscou. Nesse período, compôs as primeiras obras eruditas, em especial, a primeira sinfonia, 'Sonhos de Inverno'. O denso trabalho quase o levou à loucura, sofreu com alucinações, complicações intestinais, enxaqueca e sintomas de neurastenia aguda. Naquele período, aproximadamente de 1866, Tchaikovsky apresentou intensamente transtornos psíquicos. Ele desejou se afastar da convivência social e apresentou os primeiros sinais das tentativas de suicídio. Logo depois, realizou uma série de concertos internacionais e sua obra foi aclamada em diversas capitais europeias. Nessa época, o seu sucesso foi crescente, apesar da vida solitária e das angústias insuportáveis e a extrema timidez, que o manteve sempre diante



Compositor russo Pyotr Ilyich Tchaikovsky (1840-1893)

de um colapso nervoso. Com o desejo de resolver seus problemas relacionados à sexualidade, Tchaikovsky casou, porém foi um relacionamento desastroso, que se separou em pouco tempo.

Tchaikovsky sempre apresentou ciclos depressivos, apesar disso fortaleceu uma dedicação obstinada em procurar beleza e sentido da vida em meio aos destroços espirituais e morais. Ele descreveu sua 'depressão enlouquecedora e desgastante' neste texto: "Estou sentado à janela aberta (às quatro da manhã) e respirando o ar encantador de uma manhã de primavera... A vida ainda é boa e vale a pena viver numa manhã de maio... Afirmando que a vida é bela apesar de tudo! Este 'tudo' inclui os seguintes itens: 1. Doença. Estou me sentindo muito forte apesar de meus nervos estarem todos em frangalhos; 2. O Conservatório me oprime à extinção. Cada vez me convenço mais de que estou absolutamente incapacitado para ensinar teoria musical; [...] Em poucas palavras, há muitos espinhos, mas as rosas também estão lá".

Tchaikovsky compôs cento e cinquenta e nove peças, que estão organizadas em sinfonias; concertos; óperas; ballets; música de câmara; peças para coro e liturgias da Igreja Ortodoxa Russa. O seu pensamento emocional apresenta muita força emocional e condensa estilos ocidentais e orientais, tudo isso permitiram criar sua originalidade com o objetivo de adaptar ao folclore russo e contribuir para a identidade do seu povo, que

impressionou o ocidente e o oriente com a beleza da arte soviética.

Tchaikovsky fez uso dos temas dos romantismos alemães e do romantismo francês, ambos do século 19. Nesses romantismos são vulcanizadas as paixões. Ele incorporou temas nostálgicos que transmitem sensações de saudades e nostalgia. Esses sentimentos também foram apresentados pelo movimento alemão Sturm und Drang ("tempestade e ímpeto") como uma forma de escapismo diante do desejo inacessível à mulher amada e a irmandade entre os homens.

O compositor priorizou as emoções a partir das forças inatas da natureza humana. Ele se aproxima dos temas trágicos do filósofo e dramaturgo Ésquilo (525 a.C.-456 a.C.), entre esses temas é de que estamos aprisionados numa fatalidade predestinada e impossível de evitar e que sofreremos por uma culpabilidade, mesmo sendo possível suportar as próprias errâncias. Tchaikovsky foi influenciado pelas teses do escritor russo Dostoiévsky (1821-1881), uma de suas teses é de que o belo da arte ou a beleza é o único caminho para unir a humanidade e salvar o homem de sua própria crueldade. As obras de Dostoiévsky que mais influenciaram Tchaikovsky foram *Memória de Subsolo* (1864) e *O Idiota* (1869).

Os artistas, filósofos e cientistas foram decisivamente influenciados pelo livro *Memórias do Subsolo*. Nessa obra, Dostoiévsky apresentou os postulados de um existencialismo que influenciou também o filósofo francês Sartre (1905-1980); esse livro de Dostoiévsky induziu o filósofo alemão Heidegger (1889-1976) a escrever acerca da crise da metafísica; e decisivamente influenciou a construção dos conceitos do Niilismo forte e fraco do filósofo alemão Nietzsche (1844 - 1900); e influenciou Freud (1856-1939) na metapsicologia da psicanálise em relação aos conceitos de pulsão de morte e vida.

Na extensão dessa coluna, sinta-se convidado a audição do 292 Domingo Sinfônico, deste dia 8, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Nesta edição vamos conhecer o compositor russo Pyotr Ilyich Tchaikovsky. Irei comentar suas peças influenciadas através dos romantismos alemão e francês do século 19.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O elegante Karl Ove

Uma amiga que mora do lado do mundo perguntou se eu já tinha lido Karl Ove, o escritor norueguês. Em seu livro *A Descoberta da Escrita* (Companhia das Letras), um dos volumes autobiográficos ou autobiocficcão, como dizem os seguidores de K Ove, o autor vai além das mundanidades. Eu nunca tinha lido Karl Ove.

Nas primeiras páginas tive uma espécie de epifania que, talvez, muitos outros já tenham tido. Por que minha amiga sugeriu a leitura?

Karl Ove escreve bem porque não escreve bem. Já imaginou isso? Escrever bem porque não escreve bem. Ela disse: "Leia amigo K, seu estilo está em parecer que não tem estilo nenhum e que ele escreve apenas com sinceridade, transparência, igual a você". Ué, mas ninguém escreve igual. Talvez seja por isso que muitos dizem que não entendem o que eu escrevo.

Como se contasse toda sua vida, Karl escreve bem. Coisas guardadas, entranhas e amorosas, tristezas que são belezas em outros mundos. Isso o humaniza profundamente, o torna comum, claro, com erros e acertos, mesmo assim capaz de escrever um livro, dois livros, vários. Livros de muito sucesso e, ao mesmo tempo, aproxima o autor do leitor, que vê suas viagens elevadas ao nível de uma boa literatura.

Fui atrás de Karl e o encontrei elegante em seu paletó cinza escuro, a camisa azul celeste e informalmente arrumado, cabelo grisalho que o depura, mas o rosto dele, nos vídeos, é o de alguém que passou uma estadia no inferno de Rimbaud, mas o inferno é aqui mesmo, lembrei.

O interior da nossa vida, é mesmo um duelo com os dias contados para a tal felicidade, um amor correspondido e, mesmo sem rumo ou tornar-se alguém que jamais conseguirá chegar lá, sem as palavras. Eu me visto das palavras. Karl Ove vale por mais de mil crônicas do K, óbvio. Ele vive a fazer textos dessa batalha do papel que somos enquanto cidadãos, jornalistas, escritores, professores, atores etc.

Karl não tem uma solução para o fracasso, nem para a solidão, sequer para os iletrados em sua vidinha besta. Ou uma pessoa que tem talento e não ganha dinheiro. Ele não tem essa solução, porque ninguém tem.

Ele não tem a solução para a solidão e nem é bom que tenha. E também porque só a solidão faz entender a do outro. Karl tampouco deixa claro que na vida real é bem mais cruel, enquanto a gente se desprende da luta. Ele chega a ser ambicioso e ultraconfessional, mas escreve bem porque não escreve bem. Isso não sai da minha cabeça.

O escritor Kasl Ove não tem uma liberdade trágica, trôpega, quase ruim de tão boa, por estar em escolher o sabor de um sorvete que, antes nunca teria degustado.

Minha amiga disse que as coisas são assim! "O que se há de fazer?" Ela não é uma Amélia, nem eu, um Mário Lago. Muitas vezes não entendemos que as coisas são assim por causa de quem diz que as coisas são assim. As coisas não são nem não são assim. As coisas nem estão interessadas nisso, que chamamos de felicidade.

A alegria quando ouvimos a voz das coisas, na canção, no discurso singelo, a planta que viceja, o bolo que cresce, o ar que rumoreja – é quando o algo diz mais do que as palavras.

As pernas a se mexer, as mãos a bater palmas, quando os olhos procuram e as palavras mais simples, estão diante de outros espelhos.

Não sei se Karl conhece o mar, a maior felicidade que é ver o mar ou se ele fará igual a poetisa portuguesa, Sophia de Mello Breyner Andresen, que prometeu ao morrer voltaria para buscar os instantes que não viveu junto ao mar. Eu me contendo com o mar do Cabo Branco. Até domingo.

Kapetadas

- 1 - Não existe estupro culposos, mas existe um país capaz de criar essa atrocidade;
- 2 - Tá difícil demais todo dia ter que tirar um meio do caminho de uma pedra;
- 3 - Som na caixa: "Eu só sei de mim", João Ricardo / Molhados / Secos.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Foto: Divulgação

Ator Gérard Depardieu (à frente) e grande elenco da série 'Marseille': "O poder não é dado, é pego"



'Marseille' expõe mazelas de uma contenda eleitoral

Nesses tempos bizarros de pandemia sanitária (covid-19), também de surto partidário nos bastidores políticos locais, visando as próximas eleições municipais, nada melhor do que o cinema para se entender e abrir os olhos, especialmente no caso eleitoral, sobre os malefícios causados às populações mais incautas e despreparadas, vítimas dos conchavos e "compromissos de palanques" que jamais serão cumpridos.

O seriado *Marseille*, que assisto atualmente na Netflix é uma produção da televisão francesa, dirigida pela dupla Florent Emilio-Siri e Thomas Gilou e lançada em maio de 2016. À época, auferindo até alguns *teasers* inclusive da imprensa. Mas, se assistida hoje sob um olhar realmente crítico, há de se verificar que sua história se enquadra perfeitamente ao momento eleitoral em que vivemos. Tanto aqui como nos Estados Unidos.

Gérard Depardieu, ator que protagonizou *Cyrano de Bergerac*, em 1990, um épico francês, vive o papel do prefeito Robert Taro, reeleito da bela cidade de Marseille no Sul da França, para quem "O poder não é dado: é pego". Ele agora está em mais uma campanha eleitoral, mas dessa feita terá pela frente, além dos compromissos de bastidores com aliados, um forte concorrente: um político jovem deveras ambicioso e muito próximo dele, que tem algumas "cartas na manga", impondo-lhe muitas desconfianças e incertezas. O papel do seu antagonista é o ator Benoît Magimel, interpretando Lucas Barrès, que se alia, inclusive, à máfia e aos traficantes, querendo ser eleito de todo jeito. Isso, lembrando o caso de alguns políticos e milicianos do Rio de Janeiro.

Para os especialistas da área não só política, mas do concorrido mercado *streaming*, *Marseille* é um "thriller político" que visa não apenas a simples

diversão: "É, em resumo, o reflexo mais exato da cobiça." – Um prefeito que deseja se perpetuar no poder, alegando em público que, "Eu quero o melhor para Marseille: esta é a minha cidade!"

Será que tal expressão não teria algum parentesco com as que temos visto ultimamente aqui entre "nossos Paraibá"? Ficamos a matutar como as coisas na política permeiam meros corações e mentes, transformando as pessoas em naturezas daninhas, sempre em nome da cobiça e do poder...

Ipsa facto, aconselharia, sem medo de errar, a indicação de *Marseille* e suas propostas, para uma justa reflexão no atual momento em que vivemos. Que se vá além, muito mais além do que significam tais bastidores desses pleitos, política e partidariamente. Preservando-se, óbvio, a inviolabilidade das instituições eleitorais. – Mais "coisas de cinema", acessando nosso blog: www.alexantos.com.br.



APC no seminário contra Neoliberalismo

A presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC), a educadora e atriz Zezita Matos, participou recentemente do XV Seminário Internacional de Lutas contra o Neoliberalismo, para lembrar os 150 de Lenin. Evento, com transmissão pela Internet, fez uma homenagem especial ao Cinema Paraibano e ao documentário de curta-metragem de Linduarte Noronha, *Aruanda*, que foi exibido na ocasião com introdução de Zezita, que representou a APC naquele seminário. O cineasta Linduarte Noronha, se vivo fosse, estaria completando 90 anos de idade.

Música

Três álbuns de Tim Maia chegam às plataformas de 'streaming'

Renato Vieira

Agência Estado

Depois de anos indisponíveis, três discos de Tim Maia acabam de chegar às plataformas digitais. Os álbuns *Tim Maia* (1978), *Nuvens* (1982) e *Dance Bem* (1990) foram financiados e produzidos pelo próprio artista, por meio dos selos Seroma (as iniciais de Sebastião Rodrigues Maia, nome real de Tim) e Vitória Régia.

O álbum de 1978 está incompleto nos serviços de *streaming*. Das nove faixas originais, apenas cinco estão disponíveis. O disco é o primeiro que Tim gravou totalmente em inglês e teve tiragem modesta à época do lançamento, tornando-se cobiçado por colecionadores. Com dicção em inglês perfeita, resultado dos anos em que morou nos Estados Unidos, ele interpreta músicas como 'With No One Else Around' (que em 1979, no álbum *Reencontro*, ganharia versão em português intitulada 'Pra Você Voltar').

Um dos melhores e mais obscuros discos de Tim, *Nuvens* traz a bela faixa-título escrita por Cassiano, que compôs o primeiro hit do cantor, 'Pri-



Foto: Sonia D'Almeida/Divulgação

Álbuns 'Tim Maia' (1978), 'Nuvens' (1982) e 'Dance Bem' (1990) foram financiados e produzidos pelo artista

mavera'. Também vale conferir a releitura de 'Na Rua, Na Chuva, Na Fazenda (Casinha de Sapê)', da lavra de outro amigo do artista, Hyldon, e o funk 'Hardock Lobo Esquina com Matoso', na qual relata como conheceu Jorge Ben, Roberto e Erasmo Carlos.

Já o animado *Dance Bem* traz gravações de sucessos de Tim com novos arranjos. 'Acenda o Farol', 'Vale Tudo' e 'O Descobridor dos Sete Mares' estão no repertório. Outra faixa do álbum é 'Paixão Antiga', que fez parte da trilha sonora da novela *Tieta*.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Crônica, conversa!

Vejo a crônica como uma boa conversa. Uma prosa de fim de tarde no bar da esquina. Uma sacada espontânea e sábia. Uma surpresa. Uma descoberta. Um *insight* que, no instante mesmo de seu olhar metafísico, me recorda o mistério e o sabor das coisas do mundo.

Quando falo das coisas do mundo, não penso nos grandes feitos da humanidade nem nos solenes episódios da história universal. Penso nas coisas pequeninas do dia a dia. Coisas miúdas que vejo e que não vejo. Coisas que vivem o seu silêncio, o seu anonimato, a sua milimétrica beleza, escondida por trás do abandono e da indiferença de meu olhar fatigado.

Se a crônica é uma conversa, caro leitor, você, sem dúvida, é a personagem central de sua tessitura! O destinatário particular de uma confiança que, captada pela poesia de seus sigilos inesperados, pode percutir seus sons inominados pela rotina das horas. Você, leitor, é como a pedra jogada no lago. E a crônica, como o lance de dados que jamais abolirá o acaso, como diria Mallarmé.

Não consigo conceber a crônica sem o leitor. O leitor me parece tão essencial à sua fluída gramática e à descontração de seu ritmo quanto o próprio cronista. Talvez esteja no leitor, em você, leitor, que me lê agora, a diferença decisiva. Somente você é aquele que abre o jornal e passa, pausadamente, suas folhas à procura do gênero, em meio à escala jornalística que dita as informações sobre o mundo.

Chego a pensar que a crônica, em sendo gênero jornalístico por excelência, constitui, na variedade das páginas diagramadas de qualquer jornal, o típico antigênero, e como antigênero, o desvio, o elemento gauche e radical, a ovelha negra, a componente outside dentro da instituição do periodismo. Aquela "arte do útil e do fútil" em que tanto se esmera um Machado de Assis, um Carlos Drummond de Andrade, um Rubem Braga e tantos outros.

Gênero "ao rés do chão"? Não sei. Nem diria tanto. Quero crer que os gêneros, jornalísticos e/ou literários, não possuem hierarquia. Cada gênero procura dar conta de uma maneira peculiar de modular a vida e obtê-la, em sua dinâmica e essencialidade, naquilo que ela é por si mesma. De grande e de pequena. De clara e de escura. De eterna e de provisória. De sagrada e de profana. De única e múltipla. De prosaica e de poética.

O conto olha a vida de um jeito, quase como um close do ser em situação-limite. De outro jeito a vida é vista pelo romance, dilatada e infinita. O poema quase nem vê a vida e a vê tanto, em sua ambígua e impenetrável matéria.

A crônica também vê a vida, mas vê precisamente aquilo que eles, os outros gêneros, não veem nem poderão ver. Até porque a crônica não usa os óculos das formas canonizados. Sua miopia é diversa, por exemplo, da miopia do poema, e seu astigmatismo, todo enviesado, parece tangenciar a liberdade do ensaio. Porém, claro, sem a sua pompa, o seu peso, a sua seriedade.

"Gênero menor"? Tenho minhas dúvidas. Gênero menor? Só na cabeça dos idiotas da família da teoria e da crítica literária.

A crônica, quando crônica de verdade, mesmo ocupando o cotidiano das páginas do jornal, vá para o livro ou não, vale esteticamente como qualquer poema, conto ou romance. E diria mais, ela, a crônica, é o romance, o conto e o poema que se imiscuem na objetividade crítica da expressão midiática.

A propósito, acredito que a vizinhança do artigo, da notícia, do anúncio, da reportagem e dos serviços em geral parece lhe conferir um gostinho a mais na possibilidade de experimentarmos um pedacinho da poesia do mundo.

(Em tempo: a coluna de hoje ofereço ao e professor Wellington Pereira)

Galo tenta segunda vitória seguida hoje contra o Remo

Campeão paraibano vem de um triunfo diante do Ferroviário, fora de casa, e atua mais uma vez longe de Campina

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Após a vitória sobre o Ferroviário em Fortaleza, o Treze agora quer ir mais longe, tentar não só apenas fugir do rebaixamento, mas também conseguir a classificação para a próxima fase do Brasileiro da Série C. Para tanto, o Galo terá de vencer as partidas que lhe restam, a começar pela deste domingo, contra o Remo. A partida está programada para as 18 horas, no Estádio Mangueirão, em Belém do Pará. O trio de arbitragem é do Distrito Federal, comandado pelo árbitro Rodrigo Batista Raposo, auxiliado por Kleber Alves Ribeiro e Lucas Costa Modesto.

Com 16 pontos e na oitava posição, o Treze está a apenas 2 pontos do último colocado do G4, que é o Manaus. Uma vitória sobre o Remo, o que seria a segunda seguida da equipe, poderia levar a equipe a terminar a rodada no G4. Porém, vencer o clube paraense em sua casa é uma tarefa muito difícil. O adversário é o terceiro colocado do grupo A, com 23 pontos, ou seja, 7 pontos à frente do Galo.

Porém, a vitória diante do Ferroviário, em Fortaleza, trouxe uma motivação especial aos jogadores e à comissão técnica. O treinador Márcio Fernandes acredita na classificação da equipe e espera surpreender o time paraense. Para esta partida, ele terá todos os jogadores à disposição. A única dúvida é o lateral direito Polegar, que foi contratado recentemente, e não se sabe se terá condições de jogo para este domingo.

A provável escalação do Treze para encarar o Remo é a mesma do jogo passado. Andrey, Gustavo, Ítalo, Nilson Junior e Gilmar; Robson, Vinícius Barba e Douglas Packer; Gilvan, Neto Baiano e Danilo Bala.

Pelo lado do Remo, o técnico Bonamigo só terá um desfalque para este jogo contra o Treze, o lateral esquerdo Marlon, que levou o terceiro cartão amarelo. Ele será substituído por Dudu Mandai, que não joga uma partida desde 17 de outubro. O clube vem de um empate fora de casa contra o Vila Nova e quer uma vitória para passar justamente o time de Goiânia nesta rodada.

Sem grandes problemas para escalar a equipe, Bonamigo deverá mandar a campo o seguinte time: Vinícius, Ricardo Luz, Mimica, Rafael Jansen e Dudu Mandai; Charles, Lucas Siqueira e Eduardo Ramos; Hélio Borges, Tcharlles e Wallace.

Além de Remo x Treze, mais um jogo do Grupo A do Campeonato Brasileiro da Série C acontece neste domingo, a partir das 20 horas, entre Jacuipense e Paysandu, no Estádio de Pituçu, na Bahia.



Foto: Instagram/Treze

Neto Baiano (C) que marcou o gol da vitória contra o Ferroviário, espera brilhar outra vez pelo Galo hoje no Estádio Mangueirão

Brasileiro da Série D

Atlético joga sem quatro titulares no interior cearense contra o Guarany

Stefano Wanderley
stefano.wanderley@hotmail.com

Encarar a 11ª rodada do Campeonato Brasileiro da Série D 2020 jogando fora de casa e desfalcado de quatro titulares contra o Guarany de Sobral é a tarefa do Atlético de Cajazeiras, hoje à tarde, no interior do Ceará. O Trovão não poderá contar com importantes peças no esquema tático do técnico Celso Teixeira, a exemplo do zagueiro e capitão Egon, que está suspenso e do volante Peu, lesionado. Outro que

não estará em campo por cumprir a automática é o cabeça de área Jean e ainda o atacante Davi, devido a problemas pessoais. A comissão técnica não revelou que serão os seus substitutos.

Celso reconheceu que com os desfalques, será um time mais renovado. "Jogaremos contra o Guarany com um time renovado porque são muitos os desfalques, mas em todo momento estou passando a importância de lutar até o final porque ainda faltam quatro jogos, incluindo

este de hoje. A cidade de Cajazeiras merece esse espírito de luta e buscaremos os três pontos, mesmo sabendo que é difícil", frisou.

A partida terá início às 15h30 e será realizada no estádio do Junco. Já a arbitragem ficará a cargo do baiano Emerson Ricardo de Almeida

Andrade e o assistentes, Cleberson do Nascimento Leite e Anderson da Silva Rodrigues, Ambos do Ceará. Em dez jogos até o momento, o clube paraibano já acumula, nesta competição, sete derrotas e três vitórias sem empatar nenhuma partida. Na tabela do grupo 3, está na sétima colocação com nove pontos. Já o clube cearense é o lanterna da chave com a mesma pontuação do Atlético.



O técnico Celso Teixeira vê uma equipe renovada com os desfalques e acredita em conquistar um bom resultado longe de Cajazeiras

Foto: Instagram/Atlético

JOGOS DE HOJE

■ **Série A**
16h
Vasco x Palmeiras
PAL
Internacional x Coritiba
18h15
Bragantino x Santos
Atlético-MG x Flamengo
Bahia x Botafogo
20h30
Fluminense x Grêmio
Ceará x Sport

■ **Série B**
16h
Sampaio Corrêa x Vitória-BA
18h15
CRB x Juventude

■ **Série C**
18h
Remo x Treze
20h
Jacuipense x Paysandu

■ **Série D**
15h
Bragantino-PA x Ji-Paraná
Potiguar-RN x Vitória-BA
Central x ABC
Goiânia x Águia Negra
15h
Guarany-CE x Atlético-PB
15h45
Altos x Juventude Samas
16h
Sinop x Baré
Operário VG x Vitória-ES
Itabaiana x Jacyobá
17h
Santos-AP x São Raimundo-RR
18h
Atlético-AC x Villenense
19h
Mirassol x FC Cascavel
19h30
Caldense x Gama



O que você pode fazer pelo planeta

Juliana Cavalcanti
juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

Preservar o meio ambiente não significa apenas cuidar do verde. O conceito é muito mais amplo e abrange desde questões de saúde pública até a erradicação da pobreza e a prosperidade da humanidade. São temas interligados e convergentes.

“É necessário compreender que o ambiente ecologicamente equilibrado se conecta com a saúde humana e a valorização da vida em toda a sua amplitude. Por isso, conservar o meio ambiente é um desafio para as gerações atuais e futuras. Caso contrário, a população sofrerá os riscos e as consequências de pertencer a uma sociedade onde a vida já não é mais importante”.

O alerta é feito pelo professor do curso de Ecologia da Universidade Fe-

deral da Paraíba (UFPB) e doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Anderson Santos, que ressalta a importância – e urgência – da adoção de hábitos ecologicamente saudáveis no nosso dia a dia.

Ele defende que, dentro de casa e no trabalho, a sociedade deve pensar com criticidade sobre as suas atitudes perante a vida. “A Terra tem 4,6 bilhões de anos e, desde então, passa por transformações. Em um tempo recente, sob a ação da sociedade de consumo, assistimos a profundas transformações no planeta, com interferências reais na vida de todos os seres vivos. Devemos conceder a oportunidade de uma vida decente para todos que nascem nesse planeta. Que cada espécie possa desempenhar o seu papel ecológico e que possamos desempenhar o nosso papel social”, analisou.

Buscando soluções

Foto: Pixabay

Há muito tempo, autoridades discutem os efeitos do mau uso da natureza, da sua exploração e degradação. O que já se percebe e pode-se esperar, a médio e longo prazo, é uma verdadeira catástrofe. O planeta está em risco e, obviamente, a vida nele. Isso é um fato, segundo os estudiosos.

A boa notícia é que, quase unanimemente, ambientalistas e pesquisadores acreditam que ainda é tempo de estancar a “sangria” e reverter alguns danos causados por nossas ações ao Planeta Azul.

Para isso, entidades e governos do mundo inteiro têm discutido a adoção de agendas propositivas, que devem ser colocadas em prática de forma conjunta. Um desses planos é a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, que traz o conjunto dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e conchama as sociedades do mundo inteiro a adotar medidas ousadas e transformadoras.

São 17 objetivos que integram temas como consumo sustentável, mudança climática, desigualdade econômica, inovação, diversidade, paz e justiça. Os ODS se desdobram, ainda, em 169 metas que compõem a Agenda 2030. (Use o QR Code para conhecer detalhadamente os 17 ODS).

A mudança de hábitos, com a adoção de atitudes transformadoras, entretanto, não pode ser vista como algo abstrato, no campo da subjetividade. Ao contrário, as mudanças devem começar em casa, no momento em que acordamos e usamos a água para escovar os dentes até a hora do sono. Ações como selecionar o lixo doméstico; andar mais a pé; preferir meios de locomoção sem motor, como a bicicleta; não desperdiçar água e energia elétrica; usar menos plástico e se dispor a catá-lo em praias e ambientes públicos; evitar o consumismo... São atitudes simples que, inseridas à nossa rotina, contribuem, de maneira imediata, para uma vida mais saudável e, de forma mais abrangente, para a sobrevivência da vida no planeta.



▶▶▶ Continua

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Existem várias “escrituras perdidas”

Como vem sendo exibida das segundas às sextas-feiras, na TV Record, a série “Jesus” (excelente, por sinal), lembro na coluna de hoje a cena da crucificação no Evangelho de São Marcos. Irineu afirmou que Marcos era o Evangelho escolhido por aqueles que “separam Jesus do Cristo”. Isso não é surpresa para os que conhecem bem esse Evangelho, pois nesse relato, na cena do batismo, está realmente escrito que o Espírito “entrou” em Jesus e, ao fim de sua vida, na cruz Jesus exclamou: “Deus meu, Deus meu, porque me abandonaste?” - ou mais literalmente, “por que me deixaste para trás?”.

(Isto me lembra um dos momentos marcantes do filme “Life of Pi”, de Ang Lee. A cruz de Pi é o barco que ele divide com um tigre, naufrago no Oceano Pacífico. Num momento em que Pi duvida de quase tudo, em meio a uma tempestade, ele olha para o céu cheio de raios e pergunta a seus três deuses em um só: “O que querem de mim? Perdi minha família, já perdi tudo!”. Creio que se Ang Lee filmasse “A vida de Jesus” seria bem mais profundo que o “ateu-cristão-marxista” Pier Paolo Pasolini).

Um dos maiores estudiosos da Igreja primitiva e da vida de Jesus (talvez o maior), Bart D. Ehrman, em “Vencedores e perdidos” -

terceira parte de seu livro “Evangelhos perdidos” - lembra que alguns gnósticos interpretavam o versículo de Marcos como indicador de que o Cristo havia deixado Jesus a enfrentar a morte sozinho. O Evangelho Gnóstico de Filipe, por exemplo, interpreta as palavras da seguinte forma: “Foi sobre a cruz que ele disse essas palavras, pois foi ali que ele se dividiu”. Ehrman destaca que reconhecer a interpretação gnóstica do versículo pode ajudar a explicar porque as palavras vieram a ser mudadas em alguns manuscritos, onde, em vez de exclamar “por que me abandonastes?”, Jesus pergunta: “Deus meu, Deus meu, porque zombaste de mim?”.

No entanto, siga a correta tradução das palavras em aramaico “Eloi, Eloi, lema sabachtani?”, como frisa Ehrman. “Deus, ó Deus, porque me abandonastes?”. Devemos dar importância a que o Verbo se fez carne. Ao fato de que Jesus experimentou o sofrimento totalmente como ser humano, sem qualquer socorro divino que poderia ter tido como o filho de Deus. Ele sofreu como qualquer um de nós.

Uma Igreja cristã primitiva era um caos de crenças conflitantes. Alguns gru-

pos cristãos declaravam que não havia somente um Deus, mas dois, ou doze, ou até mesmo trinta como está num manuscrito.

Alguns acreditavam que o mundo não havia sido criado por Deus, mas por uma deidade menor.

Algumas seitas achavam que Jesus era humano, mas não divino, enquanto outras diziam o contrário.

Bart Ehrman mostra em “Evangelhos perdidos” como esses grupos cristãos, com suas formas antigas de Cristianismo, foram esmagados, reformados ou esquecidos. Todos eles diziam propagar os verdadeiros ensinamentos de Jesus.

O trabalho arqueológico moderno tem recuperado alguns desses textos-chave, e, como Ehrman demonstra, em seus livros, essas descobertas espetaculares apontam uma diversidade religiosa muito reveladora da forma como a História termina escrita pelos vencedores.

A discussão de Ehrman varia das reflexões sobre as várias “escrituras perdidas” - que incluem evangelhos falsos supostamente escritos por Simão Pedro, o discípulo mais próximo de Jesus, e Judas Tomé, seu pretenso irmão gêmeo - até as mais diversas crenças de grupos como os ebionitas os marcionitas e várias seitas gnósticas.





▶▶▶ Continuação

Atitudes simples que podem ajudar a melhorar o mundo

Em casa, no trabalho ou na rua, cada um pode fazer a diferença adotando hábitos saudáveis e ecologicamente corretos

Juliana Cavalcanti

juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

O professor do curso de Ecologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Anderson Santos, elencou atitudes que, no dia a dia, cada um pode adotar para ajudar na preservação da natureza. As ações estão baseadas em discussões da Assembleia Geral das Nações Unidas, que identificou os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para serem cumpridos até o ano de 2030. Confira cada uma dessas dicas.

1. Procure se alimentar adequadamente

O estudante de Administração da UFPB, Manoel Vitor Cassimiro, desde novembro de 2019 busca um estilo de vida mais saudável. Para isso, procurou seguir uma boa alimentação, com refeições mais coloridas, consumindo legumes e verduras e tomando bastante água. “Comecei por incentivo de amigos que sempre tiveram um estilo de vida mais regrado. Comecei a rotina de academia e a busca de uma boa alimentação, evitando comidas de imersão como pastel e coxinhas. Quando iniciei, pesava 141 quilos e hoje estou com 120 quilos com pequenas mudanças no dia a dia”, comemora.

Atualmente, ele percebe uma mudança gradativa na sua qualidade de vida e observa ainda que a alimentação saudável será a tendência do futuro, apesar de hoje, a maioria das pessoas ainda preferirem a facilidade da comida enlata-

da e o fast food. O estudante avalia que, aos poucos, a conscientização da sociedade sobre os benefícios desta mudança fará a população preferir comer aquilo que lhe propicie a longevidade, isto é uma velhice com mais saúde.

Conforme Anderson Santos, o ideal é preferir alimentos naturais e de origem confiável. Inclusive, é possível solicitar a entrega da feira em casa (em especial na pandemia), através de uma fonte confiável e dando valor à saúde. “Em João Pessoa e em várias cidades da Paraíba, por exemplo, é possível adquirir produtos de excelente qualidade em feiras agroecológicas. Nessas feiras, geralmente, o produtor e sua família comercializam os gêneros que produzem. Além de se alimentar com produtos saudáveis, você colaborará com a renda de quem vive no campo”, explicou.

2. Separe os resíduos produzidos na sua residência ou no trabalho

Segundo o professor da UFPB, caso não seja possível realizar a separação de todos os resíduos existentes em sua casa ou no local de trabalho, pode-se fazer, ao menos, a separação do resíduo orgânico dos demais.

3. Compreenda a estrutura política da sua cidade

A fisioterapeuta Thaisa Gomes busca, através da opinião popular e pesquisas na internet, entender a situação política da cidade, principalmente sobre a aplicação dos

recursos públicos, os investimentos na saúde e na qualidade de vida da população. “Confesso não saber muito sobre impostos. Mas, me importo com a manutenção das rodovias e investimentos na saúde que são as áreas que mais fico por den-



Manoel Vitor mudou hábitos alimentares; Rossana fez a opção de andar mais de bicicleta

tro e são do meu interesse pessoal”, comentou.

Segundo o ecologista, compreender a estrutura política da sua cidade significa, por exemplo, tentar entender o uso dos recursos usados na saúde e educação, além de refletir se haverá como educar ambientalmente toda uma geração se a sua educação de base permanecer deficitária. “Todos pagamos impostos e temos o direito de saber como esse recurso é utilizado. A qualidade do ensino educativo da geração dos nossos filhos e netos impactará na qualidade ambiental de todos”, argumentou Anderson Santos.

4. Conceda respeito à vida dos animais silvestres

A biodiversidade é considerada um dos maiores patrimônios da humanidade. Assim, o estudioso defende que os animais, sejam da terra ou da água, merecem



Fotos: Divulgação

as árvores ajudam na infiltração e escoamento da água, além de colaborar para o desenvolvimento de outras espécies. Por isso, é importante observar o tipo de árvore mais adequada para colocar na calçada de casa, no quintal ou mesmo em algum terreno próximo. “Cada árvore funciona como um grande ar-condicionado natural. Deixe as árvores viverem e não se permita habituar com as queimadas e desflorestamento no nosso país”, destacou Anderson Santos.

6. Use os logradouros públicos, desfrutando da paisagem urbana, da arte e da arquitetura

Há dez meses, a professora de arte, Rossana Santos, escolheu a bicicleta como meio de transporte para passear em João Pessoa por considerá-la um valioso instrumento para relaxar e apreciar as belezas da cidade, em especial a orla, por onde anda com frequência. Na opinião dela, no futuro, mais pessoas vão escolher a bicicleta e outros meios sustentáveis para contemplar a cidade.

“Eu não entendo porque passei tanto tempo para descobrir esse prazer, além de ser um excelente exercício físico. Eu já fazia caminhada, mas a bicicleta completa: notei que meu equilíbrio melhorou e minha resistência física e disposição também. Tenho a ‘bike’ há dez meses e há um mês ando com frequência. Aí, vem o lado contemplativo, do deleite da natureza...”, declarou.

De acordo com pesquisador, o meio ambiente é amplo e diz respeito a viver com dignidade. A cidade é um exemplo de espaço que devemos nos apropriar, pois ela deve servir ao bem-estar de quem nela habita. Assim, quem reside na cidade, quando possível, deve usar o transporte público, andar a pé, exercitar o corpo e vivenciar o município onde mora.

atenção. “Dilapidar a biodiversidade do nosso planeta é uma verdadeira economia de inteligência”, criticou.

5. Plante árvores

Márcio David de Lima trabalha com plantas e paisagismo há mais de 20 anos e acha importante a jardinagem não apenas como profissão, mas como forma de colaborar para o meio ambiente e o bem-estar das pessoas. “Faço jardins (projeto e manutenção), podar árvores e planto. Gosto de plantar porque acho interessante plantar uma coisa e aquilo se transformar em algo bem lindo. Acho importante as pessoas terem árvores em casa porque tem a questão do oxigênio. Essa parte toda de paisagismo é o que eu gosto de fazer, é o que me sinto bem e nunca vou deixar”, elogia o profissional.

Conforme o docente da UFPB,

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Vivendo em off-line

Perdi os meus arquivos de um livro que acabei de preparar e não sei como recuperá-lo. Quatro anos de trabalho diário. É perfeitamente legítimo que eu fique agastado, irritado e meio que desesperado. Mesmo porque já assinei contrato com uma editora para publicar a obra. Meu precioso arquivo foi para algum lugar incerto e não sabido, como diz o chavão policial. Se existe alguma possibilidade de recuperar, aceito sugestões dos companheiros técnicos.

O computador requer do seu operador cuidados especiais. Tem que salvar a todo instante, não pode pressionar certas teclas misteriosas que parecem estar no teclado apenas para ocultar os arquivos mais importantes. A traça antigamente comia nossos originais, a certidão de nascimento e as contas atrasadas. Mas consumia devagar, dava tempo para que o dono promovesse a restauração. No computador, o jogo é instantâneo. Num piscar de olhos, você fica sem os documentos.

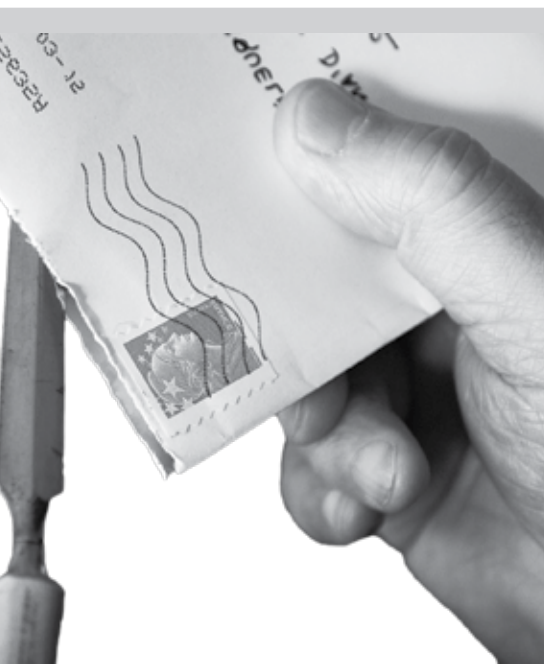
Meu contato com o modernismo da

escrita eletrônica sempre foi débil, embaraçado e inseguro. Sou dos que usam o computador mais como máquina de escrever, sem atinar para outras funções do bicho. Aqui e ali aprendo lentamente a usar um recurso. Trabalho sempre em regime de cooperação com alguém mais esperto nesta área, geralmente um dos filhos. Mas acontecem acidentes como o de ontem, e fico aqui pensando em me retirar do mundo encantado dos blogs, retornar a uma velha Olivetti, os maços de papel e a caneta para anotações. Quando começava a adorar esse poder em minhas mãos, de sempre encontrar alguém disposto a ler os desarrazoados aqui postados, a máquina me dá essa rasteira.

Vivi transições, como todo mundo. Passei da tipografia manual com tipos móveis para a linotipo, e depois para o sistema off set. Fui telegrafista, depois operador de telex e trabalhei como datilógrafo. Encerrei a carreira para surfar na onda da globosfera, que já vai me viciando como uma droga calmante. A interatividade com o leitor é

coisa de louco! Dá até uma certa neura.

Vou aproveitar o acidente para me livrar do vício da internet. Comecei a terapia. Sei que a qualidade de vida vai dar um salto. Em vez de ler os jornais na tela, vou sair e comprar meu jornal na banca do Lourenço, bater um papo com os desocupados da área, tomar um refresco no barzinho, ir ao banco para saber meu saldo e pagar as contas, se tiver grana. Isso depois da pandemia. Por enquanto, fico na moita. Se quiser me orientar na estrada, compro um mapa e esqueço o Google Maps. No lugar do Twitter, ainda estou pensando numa forma de substituição. Deixarei de escrever nos blogs, voltando a utilizar o papel, o lápis e, eventualmente, a velha Olivetti que ainda dá no couro. Para os fiéis leitores, peço os endereços físicos e mando tudo pelo correio tradicional. Sei que os compadres e comadres ficarão deslumbrados por voltar a ter o prazer de receber cartas. Para os blogueiros a quem leio diariamente, mandarei selos destinados à remessa das suas maté-



rias regularmente, também por via postal tradicional.

Assim voltarei aos velhos e bons hábitos de cidadão livre do alucinógeno chamado internet. E de quebra me livro da frustração e sentimento de perda que sofri ontem, no eclipse total de minha produção de quatro anos. Viver em off-line será a mais nova terapia a correr na internet, vocês vão ver. Quando virem, me digam. Mas, por carta, faz favor.



Foto: Divulgação

Novembro Azul: um alerta sobre os riscos da diabetes

Mais de 13 milhões de pessoas vivem com a doença no Brasil. Campanha busca conscientizar sobre a prevenção

Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

A diabetes é uma doença que se caracteriza pelo elevado teor de glicose no sangue. De acordo com a Sociedade Brasileira de Diabetes, no Brasil, existem mais de 13 milhões de pessoas vivendo com diabetes e a tendência é aumentar ainda mais. Assim como o Novembro Azul alerta para o câncer de próstata, o Novembro Diabetes Azul é uma campanha mundial em prol da conscientização e prevenção à doença e suas complicações, com foco no tratamento multidisciplinar. O tema deste ano é a importância da Enfermagem no cuidado da pessoa com diabetes.

“É preciso haver uma parceria entre as diversas áreas de saúde envolvidas, pois o tratamento da diabetes é multidisciplinar. A gente foca muito na atuação do médico, mas o cuidado com o diabético envolve enfermagem, nutrição, psicologia”, afirmou a endocrinologista Maria da Luz Gorenstin.

A endocrinologista enfatiza a importância de abordar este tema, pois a equipe de Enfermagem possui um papel fundamental no tratamento da diabetes. “Os enfermeiros possuem um contato mais direto com os pacientes. São eles que realizam o papel educativo à população, orientam a técnica de aplicação de insulina, realizam o monitoramento das taxas. Além

disso, a enfermagem tem um papel muito importante com o cuidado com o pé do diabético, tanto na prevenção de lesões quanto com aquelas pessoas que precisam de cuidado redobrado para não infeccionar o pé lesionado”, informou.

Programação

Segundo orientação da Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD), Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (Sbem), a programação do Novembro Diabetes Azul será, exclusivamente, on-line, transmitida através das redes sociais do Sbem nacional e do Sbem-PB. Para saber mais informações sobre a programação, acesse: diabetesplay.com.br

A programação do Novembro Diabetes Azul ainda está sendo construída pela da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), mas a enfermeira e coordenadora da área técnica de Doenças Crônicas do município, Ana de Lourdes Oliveira, informou que a abertura da campanha acontecerá no próximo dia 13 de novembro, das 7h às 11h, na Unidade de Saúde da Família Alto do Céu.

O Novembro Diabetes Azul contará com a participação da equipe de residências médica e multiprofissional de Medicina da Família, além de representantes da SMS de João Pessoa. A comunidade receberá orientações sobre alimentação, teste de glicose,

Alimentação adequada, prática de exercícios físicos, medicação... a junção destes pilares evita complicações crônicas da doença. É preciso conscientizar as pessoas, porque tudo na vida são escolhas

...avaliação do pé glicêmico e acontecerão rodas de diálogo sobre o tema.

Tipos

Segundo informações do Ministério de Saúde, a diabetes tipo 1 é uma doença crônica não transmissível, hereditária, que acomete, principalmente, crianças, adolescentes e adultos jovens, concentrando entre 5% e 10% do total de diabéticos no Brasil.

Maria da Luz explica que a diabetes tipo 1 pode se manifestar como um processo autoimune ou de causa desconhecida.

“A grande maioria se manifesta da primeira forma. As células de defesa do organismo reconhecem as estruturas (célula beta) que produzem a insulina como se fossem estranhas ao próprio corpo, ocasionando a destruição delas. Uma vez destruída, o

organismo perde a capacidade de produzir insulina. Já o fator ambiental não é bem definido na diabetes tipo 1 mas existem estudos que a relacionam com a inserção precoce do leite de vaca na nutrição alimentar”, esclareceu. O único tratamento para a diabetes tipo 1 é a administração da insulina, compensando a produção das células que foram destruídas.

A diabetes tipo 2 é a categoria mais comum e representa de 85 a 95% dos casos da doença no mundo. Os fatores genéticos e ambientais são determinantes para o acometimento da doença, vai depender da qualidade de vida que o indivíduo possui. Pessoas sedentárias, hipertensas, obesas ou que possuem triglicérides elevados ou hábitos alimentares inadequados possuem uma predisposição maior.

Obesidade

Conforme a especialista, a obesidade é um fator ambiental importante, mas não significa que todo obeso seja diabético. “O excesso de gordura visceral provoca um estado de resistência na ação da insulina que atrelado ao defeito no pico de secreção provoca a diabetes Tipo 2. No entanto, nem toda pessoa obesa possui diabetes. Ela pode ter o aumento da gordura visceral e não apresentar defeito na produção da insulina. É necessário a junção desses fatores”, enfatizou.

Foto: Reprodução

Qualidade de vida

As complicações dessa doença provocam medo na população, mas especialistas afirmam que é possível ter qualidade de vida com acompanhamento médico adequado, alimentação saudável e prática de exercícios físicos. A especialista ressalta a importância de manter a diabetes controlada através da conscientização do paciente. Para conseguir este equilíbrio, o tratamento deve ser sustentado em quatro pilares. “Alimentação adequada, prática de exercícios físicos, medicação, a junção destes pilares evita complicações crônicas da doença. É preciso conscientizar as pessoas porque tudo na vida são escolhas”, afirmou.

A idosa Geralda Cavalcante adquiriu diabetes tipo 2 há dez anos. Ela conta que no começo foi difícil se adaptar aos novos hábitos alimentares e que manter as taxas controladas é uma luta diária. “Eu não sentia nenhum sintoma, descobri por acaso em um exame de rotina. No começo sofri muito para me adaptar, cortei açúcar, massa, gordura. Meus filhos e meu esposo são muito cuidadosos comigo, compram produtos especializados para diabéticos e, diariamente, verifico a glicemia. Sigo a dieta alimentar, mas confesso que faço umas extravagâncias em datas comemorativas”, confessou.

Fatores de risco

Segundo informações do Ministério da Saúde, pré-diabetes é um sinal de alerta do corpo que acontece quando os níveis de glicose no sangue estão mais altos do que o normal, mas não estão elevados o suficiente para classificar como diabetes Tipo 1 ou Tipo 2.

Além dos fatores genéticos e a ausência de hábitos saudáveis, existem outros fatores de risco que podem contribuir para o desenvolvimento do diabetes, como pressão alta; colesterol alto ou alterações na taxa de triglicérides no sangue; sobrepeso; pais, irmãos ou parentes próximos com diabetes; doenças renais crônicas; diabetes gestacional e diagnóstico de pré-diabetes.

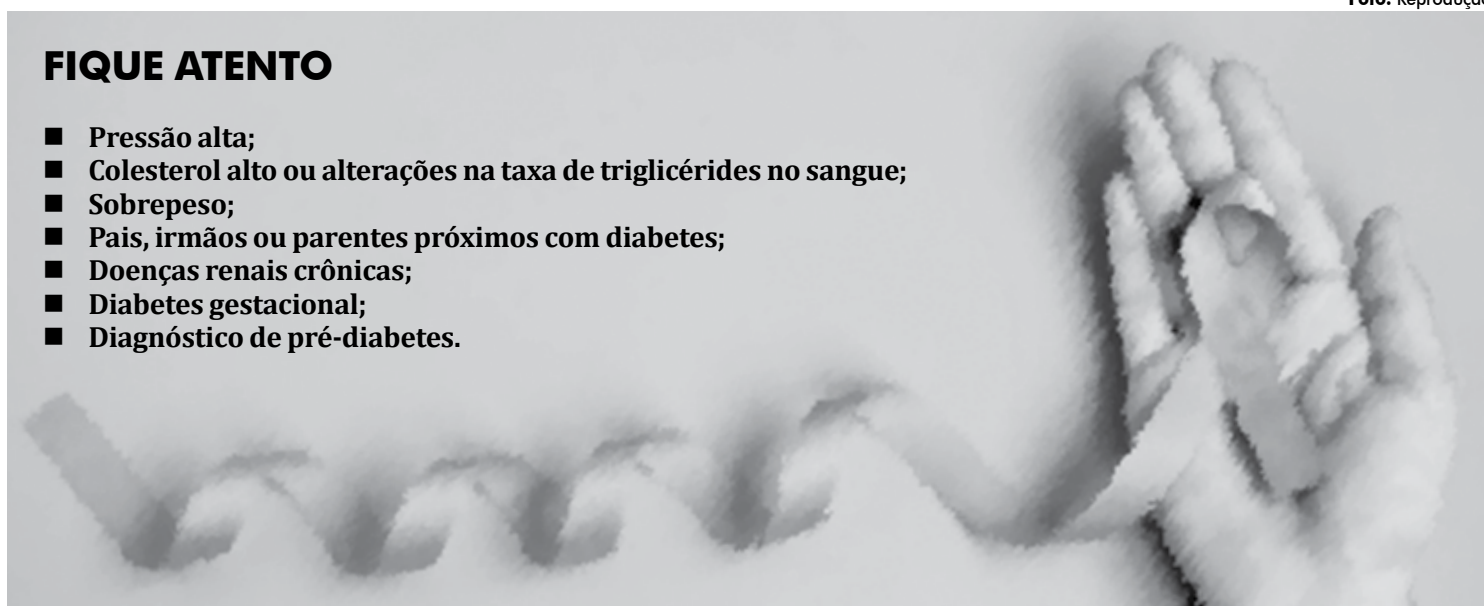
Sintomas

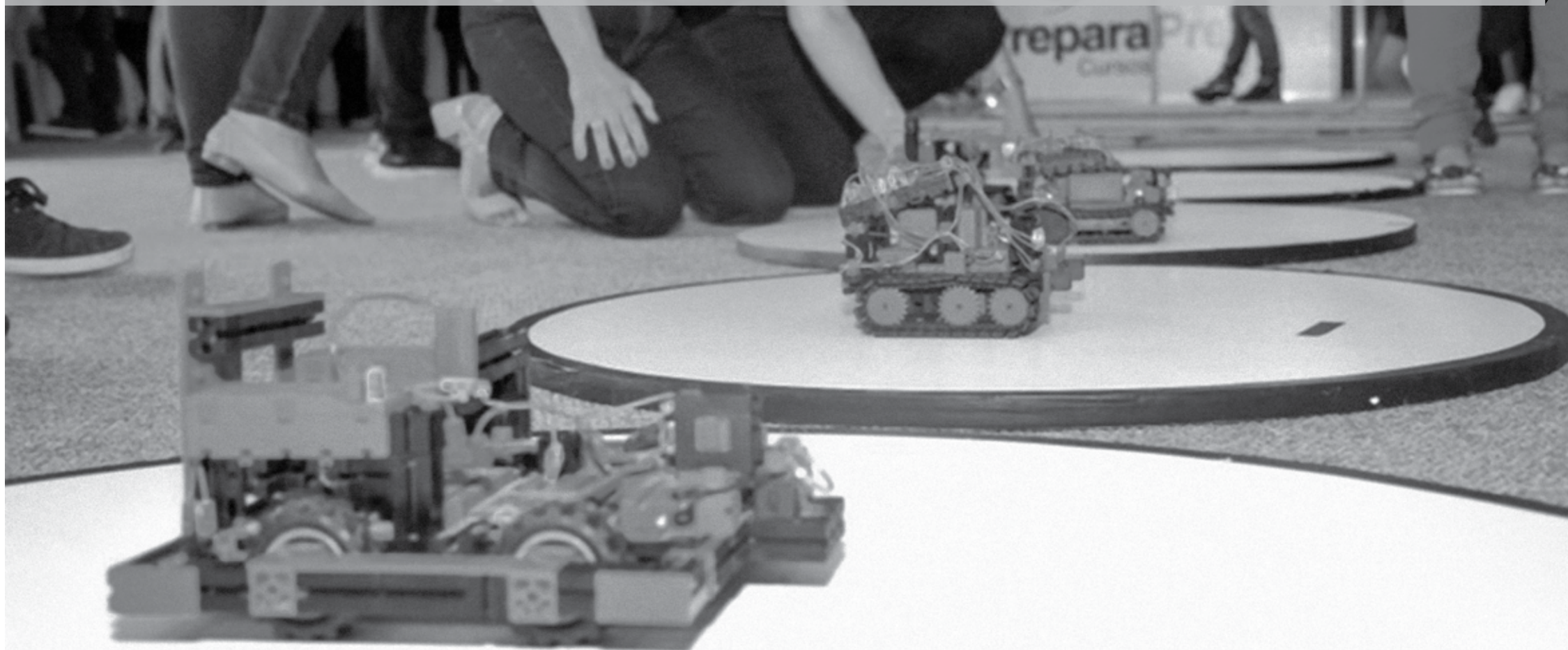
A diabetes pode ser assintomática, mas caso apresente-os. Os principais sintomas da diabetes são: fome frequente, sede constante e vontade de urinar várias vezes ao dia, perda de peso, fraqueza, Infecções frequentes na bexiga, rins, pele e infecções de pele, formigamento nos pés e mãos e feridas que demoram a cicatrizar.



FIQUE ATENTO

- Pressão alta;
- Colesterol alto ou alterações na taxa de triglicérides no sangue;
- Sobrepeso;
- Pais, irmãos ou parentes próximos com diabetes;
- Doenças renais crônicas;
- Diabetes gestacional;
- Diagnóstico de pré-diabetes.





Robótica nas escolas não para durante a pandemia

Laboratório teve que se adaptar para a realidade do distanciamento; Paraíba é destaque em campeonatos internacionais

Renato Félix
Especial para A União

Não faltam exemplos na literatura ou no cinema de como os robôs povoam há décadas o imaginário humano. Mas há muitos anos essa tecnologia vem cada vez mais fazendo parte do cotidiano. Estudantes paraibanos, por exemplo, convivem com a robótica nas escolas e se destacam em competições nacionais da área. Mas, com a pandemia, professores e alunos precisaram se adaptar ao distanciamento para manter de alguma maneira as atividades.

“Fizemos uma reunião de alinhamento na área da robótica, visando a questão pedagógica do projeto”, diz Thalles Albuquerque de Araújo, chefe de ações pedagógicas para as escolas da Rede Estadual de Ensino e que está coordenando a aplicação da robótica nas aulas online junto com o professor Alysson Santos. “Cada professor que trabalha com a ferramenta em seus clubes de robótica explorou mais a programação, já que os alunos não puderam ter contato com os kits”.

“O projeto teve que se reinventar”, conta Fagner Ribeiro, gestor em sistemas de informação e que coordena no Estado as ações referentes à Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR). “Criou-se um



Olimpíada Brasileira de Robótica: competições estimulam o interesse dos jovens

formato virtual, onde as aulas são postas em prática através de simuladores. Mesmo entendendo a importância da prática no laboratório, na construção do aprendizado, temos alguns simuladores que nos ajudam a colocar nossa programação para rodar, fazendo com que a gente não pare e coloque em prática todo o nosso conhecimento”.

Os estudantes estão operando o mesmo simulador usado na OBR, chamado sBotics. “É uma plataforma de simulação desenvolvida pelos laboratórios Laica e Natalnet para a prova prática estadual da Olimpíada. Na abordagem comum desta prova, utiliza-se kits de robótica para simular o resgate de uma vítima em um ambiente de desastre”, explica Ribeiro. “O sBotics oferece uma alternativa para aque-

les que desejam testar seus conhecimentos de robótica e programação de forma totalmente virtual. Só baixar o simulador, que pode ser nos sistemas Windows, MacOS e Linux 64 bits e usam a programação em BlockEduc, R-Educ e C#. E ele é desenvolvido totalmente em português”.

Essa adaptação para os tempos de pandemia da covid-19 segue uma bem-sucedida introdução da robótica nas escolas paraibanas, que já tem uma trajetória que não é pequena. Um projeto-piloto foi implantado em 2005, em nove escolas da rede municipal de João Pessoa. Em 2009, o número aumentou para 50 e hoje ela já chegou a toda a rede. Nas escolas da rede estadual, o projeto foi implantado em 2015, já com 300 escolas recebendo os kits educacionais de robótica.

O Laboratório de Robótica faz parte das atividades eletivas oferecidas pelas escolas em um dia da semana, e que o aluno pode escolher entre diversas outras. “Quando se aproxima das competições científicas, essas atividades são intensificadas. Mas tem escolas que trabalham com essa ferramenta nas disciplinas curriculares. Professor de matemática, de física e até de português pode usar essa ferramenta nas suas aulas”, conta Ribeiro.

“Quando entrei na robótica, matemática pra mim era uma matéria muito difícil”, conta Alyson Avelino, 18 anos, aluno da Escola Cidadã Integral Técnica Mestre Sivuca, em Mangabeira, e que começou a lidar com a robótica há quatro anos. “Quando eu descobri que precisava de matemática para desenvolver os robôs, comecei a estudar mais. Foi a matéria em que mais me desenvolvi por causa da robótica”.

Alyson sempre foi interessado no funcionamento de mecanismos como o DVD, não achava que o mundo dos robôs era só coisa de ficção científica. “Nunca achei a robótica coisa de outro mundo, não”, afirma. “Mas quando entrei nela, descobri milhares de coisas diferentes”. Ele já desenvolveu diversos tipos de robôs: robô zero (basicamente um carrinho simples, com dois sensores), huma-

noides, de combate e de resgate.

Na escola em que estuda, Alyson tem nove colegas, que formam uma equipe, com uma amizade que avança além dos muros da instituição de ensino. “A turma da gente é bem chegada um ao outro, mesmo”, conta. “E a robótica não é só um negócio de dentro da escola. Tem que ter o estudo fora, tem que conversar muito com o outro fora da escola. Os integrantes da equipe têm que chegar a uma harmonia”.

O estudante pretende levar as experiências para a vida: quer trabalhar com en-

genharia elétrica. “Eu gosto muito da parte da elétrica dos robôs. A parte dos circuitos, circuito integrado...”, conta. Fagner Ribeiro conta que não são poucos os casos de estudantes que conseguiram seguindo a trilha da ciência.

“Como eu trabalho nessa área há 10 anos, já vi muitos alunos que desenvolveram habilidades, se destacaram, e hoje tanto fazem cursos de engenharia e informática como atuam como mediadores, ensinando a robótica para os pequenos e estimulando outros jovens a se iniciarem nessa área da tecnologia”, diz.



Alyson Avelino (agachado) não gostava de matemática e agora quer ser engenheiro

Nunca é cedo para entrar no mundo da tecnologia

Não existe uma idade mínima para aprender robótica. “Desde os primeiros anos, a criança pode estar em contato com a tecnologia”, diz. “Inclusive, a partir de 2018, na OBR, estreamos o nível zero, que é para crianças do 1º ao 3º ano do Fundamental I”. A ideia é que as crianças realizem pequenos desafios que as estimulem a ter interesse na área e – quem sabe? – se enveredem mais profundamente pela ciência no futuro.

Como costuma dizer o astrofísico americano Neil de Grasse Tyson, toda criança é uma cientista – os adultos é que certam sua

curiosidade. “Os pequenos não demonstram medo de arriscar, usar sua criatividade e testar novas soluções”, avalia Fagner Ribeiro.

Nessa faixa etária, as crianças aprendem as noções básicas dos protótipos. “A diferença de cada peça, e programação básica”, explica. “Já no Fundamental II, elas conseguem trabalhar programação e o robô de uma forma mais detalhada. Sabendo a diferença de um módulo, dos motores, das roldanas. No Ensino Médio, elas são estimuladas a superar desafios e propor soluções que afetam nosso dia a dia”.

+ Estado tem 3ª maior equipe em competições

Nos campeonatos, a Paraíba tem se destacado. O número de inscritos é cada vez maior. “Somos um dos três estados com o maior número de participantes”, lembra Ribeiro. João Pessoa sediou a RoboCup, mundial de robótica, em 2014. Em 2015, sete alunos da rede municipal da capital ganharam a categoria “Interação Humana com o Robô” no mundial da China. Também conseguiram boas colocações em campeonatos latino-americanos. Em 2019, ganharam vaga na RoboCup em Sidney, na Austrália. Em 2020, o mundial seria na França. Paraibanos iriam participar de novo, mas o torneio foi adiado.

“O campeonato em si é uma experiência muito legal”, conta Alyson. “Fazer um robô direcionado para competir e outro que não é para competição são experiências completamente diferentes. Você tem um carinho por aquele robô. Quando precisa do material para montar outra coisa, é até difícil desmontar o robô.”



Estudantes da rede municipal de João Pessoa no mundial da China, em 2015

Quando se trata de campeonato, o robô vale ouro”.

Não é à toa que, além de outros como “ser um bom competidor e amigo” e “ajudar colegas e adversários a superarem seus limites”, um dos princípios da Olimpíada Brasileira de Robótica é “amar sempre o seu robô”.



Causos, lendas e assombrações populares

Na tradição oral paraibana, existe um rico patrimônio imaterial que modela nossa identidade cultural

Lucilene Meireles

lucilene-meirelesjp@gmail.com

“Um dia, eu estava fazendo um serviço extra num sábado, por volta das quatro da tarde, no Teatro Santa Roza. Era escalada para fazer a limpeza geral, limpar os camarins. Quando fui descendo os degraus do palco para a plateia, olhei para cima, onde fica o camarote do governador, e vi uma loura toda de branco, cabelo cacheado, sentada com as pernas cruzadas. Fiquei olhando, me deu um arrepião, soltei a vassoura e corri. Naquele dia, não voltei mais a trabalhar”. O relato da aparição da famosa – e temida – Mulher de Branco é de Maria Celina da Silva, 73, que trabalhou durante quase quatro décadas como camareira do Teatro Santa Roza, em João Pessoa. Ela se deparou com esses e outros episódios tenebrosos do imaginário paraibano.

Inaugurado em 1889, o prédio do teatro parecia ter algo sobrenatural. Certo dia, enquanto fazia seu trabalho, Celina afirmou ter ouvido o piano. Porém, como não havia ninguém no local além dela, a ex-camareira foi até a sala onde ficava o instrumento. “Tocava tanto que acabei indo até lá para ver quem era. Não tinha ninguém”, contou. Um terceiro episódio aconteceu no camarim de número três. “Eu ia passando e me deram um psiu tão grande que até me assustei. Olhei para um lado, olhei para o outro, procurei e também não tinha ninguém. Nessa hora, eu não contei história e saí correndo”, relembrou.

Os causos e histórias orais, que incluem tanto as lendas como as “assombrações”, povoam o imaginário de um povo e fazem parte de sua história, se confundindo com a própria identidade regional. Entre os paraibanos, relatos antigos ou atuais compõem as crendices,

desde a famosa Mulher de Branco, que já assustou muita gente, ao temido Pai do Manguê, que tinha uma relação com a preservação da natureza e a obediência das crianças. Lenda ou realidade, o certo é que esses causos sempre surgem por algum motivo e acabam ligando as histórias aos costumes e características do povo em determinada região.

Mundo místico das etnias

“É bem verdade que é inerente a todas as etnias e culturas ao longo dos tempos, um patrimônio de tradições que vão sendo, de geração em geração, transmitidos pela oralidade e perpetuados – e conservados – pelos costumes. É o que foi denominado pelo arqueólogo inglês William Thoms de Folclor, que seria em suma a sabedoria do povo. Nosso folclorista maior, o Câmara Cascudo, disse que esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários grupais, domésticos ou nacionais”, cita o pesquisador e historiador Thomas Bruno Oliveira em sua página Turismo e História.

O padre Antônio Vieira, segundo ele, dizia que o medo é crédulo e nesse espectro difundiram-se pela humanidade as assombrações, visagens e superstições, muitas vezes na tentativa de explicar o que não se conseguia. “Especificamente no Brasil, no pós 1500, tivemos uma relação entre esses mundos místicos de origem nativa, europeia e africana, ora misturando-se ou equivalendo-se. Para Cascudo, tudo o que se parecia, iria se irmanando, permutando valores equivalentes. É exatamente por isso que vemos a Curupira, Caipora e a Comadre Florzinha tão próximas em características e tão distantes, geograficamente, nos rincões do Brasil”. disse.



Arte: Tonio

Mulher de Branco, Pai do Manguê e Capitão-mor



Arte: Tonio

Alguns acreditam piamente e garantem ter visto as visagens frente a frente. Outros desdenham, mas não se arriscam a enfurecer as “entidades”. Ninguém tem como provar, por exemplo, que as aparições da Mulher de Branco foram reais ou se ela existiu de fato um dia em carne e osso. Mas conta-se que ela não foi vista apenas no Teatro Santa Roza. A região da Praça Antenor Navarro, no Varadouro, também foi cenário da aparição para muitos moradores.

“Acho que foi no primeiro mandato como vereador do músico Fuba e ele tinha um gabinete cultural onde hoje é o Espaço Mundo. Como reunia muita coisa da cultura, inclusive historiografia, os moradores e historiadores participavam e tinha essa onda de contar os causos de assombrações, entre eles, o da mulher de branco. Dizem que era uma prostituta da Rua Maciel Pinheiro que tinha se convertido e acabou sendo morta, passando a aparecer por lá”, relatou o músico Alex Madureira.

Os moradores contavam que tinha um vigia de rua, falecido há cinco anos, conhecido como Catolé, muito valente, ganhava dinheiro dos comerciantes para fazer a vigilância e garantia que não tinha medo de nada. “Por duas vezes, ele viu a mulher de branco, e nas duas se borrou. Na década de 1940, no século passado, o Centro Histórico era bucólico, não tinha movimento. Quando fechava o comércio, a cidade morria. E à noite ficavam os causos”, acrescentou Madureira.

O Forte de Santa Catarina, no município de Cabedelo, também tem registros da aparição da Mulher de Branco. “Dizem que ela, normalmente, aparecia nas noites de lua cheia. Ficava na frente do forte e, quando as pessoas viam, eram atraídas por ela. Os homens ficavam encantados. Ela ficava sentada no poço. Quando as pessoas iam na direção dela, se dirigia para o túnel. Muita gente tentou ir atrás, mas lá ela desaparecia”, relatou o presidente do Forte, Osvaldo da Costa Carvalho.

“Essa lenda urbana da Mulher de Branco é contada desde o período colonial. Servia para amedrontar os invasores. Dizem que ela morava num engenho de açúcar perto de João Pessoa e, numa festa, os soldados invadiram o engenho. Houve mortes e estupros, e levaram a mulher para a Fortaleza”, relatou a guia de turismo Michelle Teixeira Correia.

A história, segundo Michelle, era contada por moradores nos anos 30, 40, 50 e vai passando de geração a geração. No forte, há,

inclusive, um quadro da artista plástica Bella Santiago chamado ‘A Mulher de Branco’. “É um quadro bem assombroso”, descreveu. De acordo com a guia, também chamam a Mulher de Branco de Branca Dias, a mesma de Portugal, na época da inquisição. Outra história fantasmagórica do Forte de Santa Catarina é do Capitão Mor. Ele aparece vestido de branco, com muitas medalhas na roupa.

A lenda-assombração do Pai do Manguê é contada na Ilha do Bispo, na Capital paraibana. Até hoje qualquer morador sabe da história passada de pai para filho. O Pai do Manguê seria uma suposta entidade sobrenatural que puxa as crianças que se arriscam a tomar banho sozinhas no Rio Sanhauá. “Temos muitas lendas na região do rio Sanhauá. Com o tempo, as coisas mudaram. Mas, antigamente, o principal meio das pessoas terem alimento era pescar no rio. Meu pai era marinheiro e passava muito tempo fora de casa. Eu era criança traquina, pescava de anzol, e desde aquela época tem um caminhão de história”, contou o músico Nando Azymuth, que nasceu naquela região e transformou a lenda em música.

“Minha terceira mulher dizia que a avó dela tomava cachaca e pescava siri numa arupema (ou arupemba, que é uma espécie de peneira de palha), no Rio Sanhauá. Ela já tinha pego quase meio saco. Alguém a chamou e ela disse que só sairia quando pescasse todo o siri do rio. Foi aí que ela viu um peixe grande e diferente, mas não se importou, estava acostumada. Em certo momento, caiu dentro da água e começou uma briga. A neta dela viu e chamou um senhor para quem contou que a senhora estava se debatendo. Quando ele viu o saco de siri, despejou dentro do rio. Na mesma hora, a briga acabou”, disse. O siri era do Pai do Rio (como o Pai do Manguê também é chamado na região) e, provavelmente, naquele momento, não poderia ser retirado de lá.

O historiador Thomas Bruno relatou que descobriu, em suas pesquisas, que o Pai do Manguê seria um velho barbudo com um chapéu grande, assobio fino, roupa de pescador, voz grossa e pele trigueira. A “entidade” costuma surrar quem mata fêmea prenha ou animal muito jovem. Segundo ele, a lenda é mais comum em regiões onde existem áreas de manguê onde há a presença de caranguejo, siri, aratu, amoré, camarão, marisco, sururu, ostra, entre outros. O Pai do Rio não gosta de palavões, algazarra e desrespeito e, para agradá-lo, basta levar um pouco de fumo.

História de um palhaço com risadas exageradas

A ex-camareira Maria da Penha Silva Barreto nunca viu, mas ouviu outras histórias assombrosas que, segundo ela, também aconteciam dentro do Teatro Santa Roza, onde trabalhou durante 30 anos. “Um cenógrafo já falecido contava o episódio em que um palhaço tinha morrido dentro do teatro e garantia que ouvia o palhaço dando gargalhadas. Eu entrava sozinha lá, tudo escuro, e nunca ouvi, nem tinha medo, mas eles falavam com tanta convicção que pode até ser verdade, porque existe de tudo nesse mundo”, garantiu.



Tobias Di Pace

Cronista paraibano com olhar especial para o esporte amador

Lucilene Meireles

lucilenemeireles@gmail.com

Discreto é um adjetivo que pode definir bem quem foi Tobias Di Pace Maranhão. Ex-árbitro de futebol e cronista esportivo, o paraibano nasceu em João Pessoa viveu a vida inteira na cidade de Campina Grande, para onde se mudou com a família, aos cinco anos de idade, em 1931. Foi na Rainha da Borborema que o radialista se firmou, profissionalmente, e se dedicou ao esporte amador, apoiando como podia as equipes pequenas.

Na carreira como árbitro de futebol, Di Pace começou em 1965, tendo vínculo com a Liga Campinense de Futebol (LCF) e Federação Paraibana de Futebol (FPF). Com a idade, acabou deixando a arbitragem de lado, mas não o futebol, passando a atuar como radialista esportivo. Nessa trajetória, narrando e comentando as partidas, deixou um pouco de si em rádios como Panorâmica, Campina FM, Correio, Borborema, Cariri, em Campina Grande, além da Rádio Cidade, no município de Esperança, e ainda a Rádio Cacique, na cidade de Monteiro.

Di Pace ainda trabalhou durante 14 anos no jornal Diário da Borborema, onde tinha uma coluna, na qual escrevia sobre o esporte amador, conforme relatou o jornalista Geovaldo Carvalho. Era o responsável pela página de esportes amadores do jornal. Como juiz de futebol da Liga Campinense, realizou várias competições amadoras na região de Campina Grande, entre elas, a Copa Borborema, em 1980. "Aposentado do IBGE, tinha muita ligação com o esporte amador, organizando campeonatos e divulgando nas rádios por onde passou", contou.

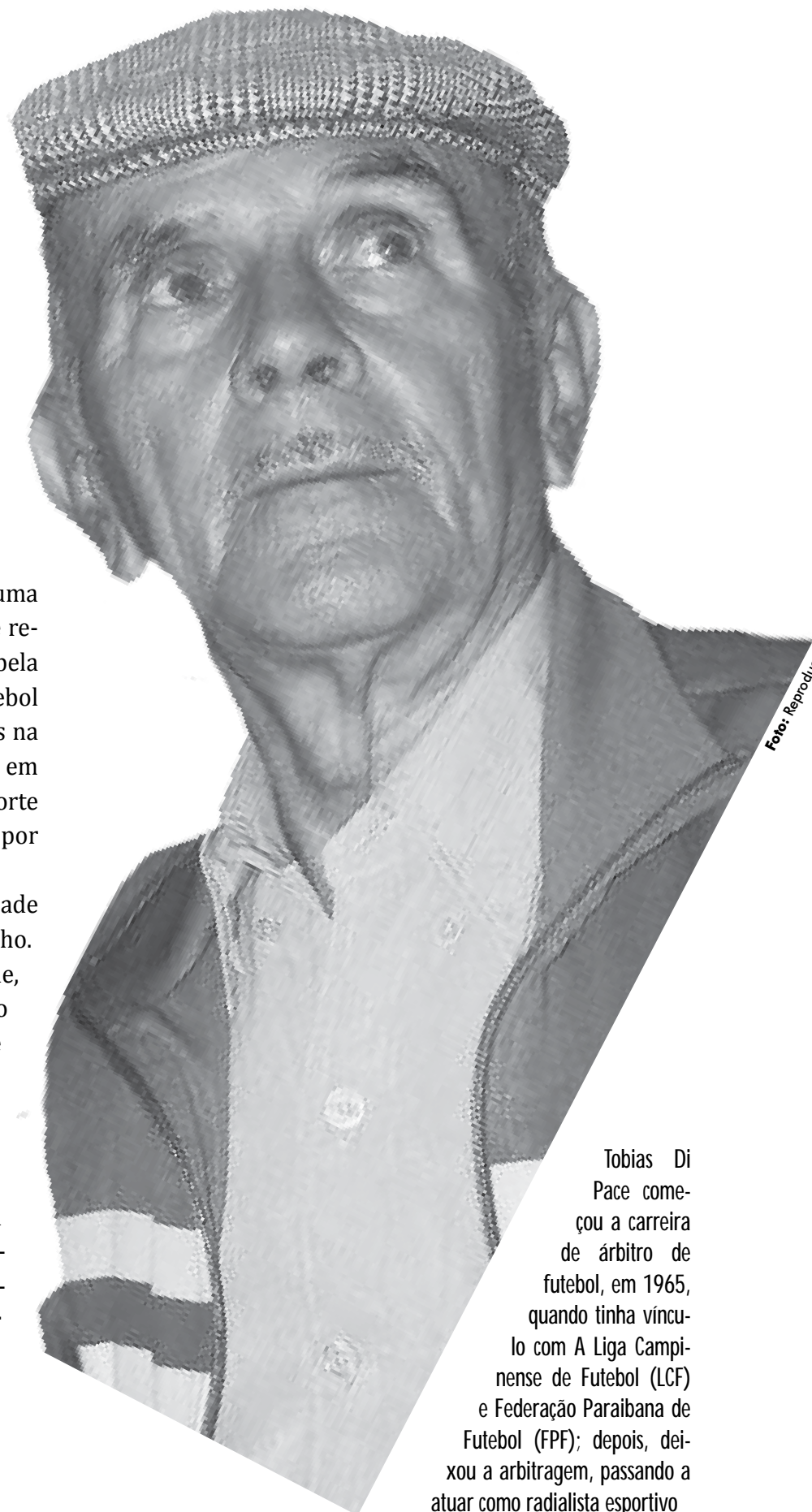
“

Di Pace ainda trabalhou durante 14 anos no jornal Diário da Borborema, onde tinha uma coluna na qual escrevia sobre o esporte amador”

Geovaldo Carvalho

O radialista estudou no Lyceu Paraibano e na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), de acordo com Geovaldo Carvalho. Faleceu no dia 1º de dezembro de 2014, aos 88 anos de idade, no Hospital Antônio Targino, em Campina Grande. Seu corpo foi velado na Associação Campinense de Imprensa (ACI) e sepultado no Cemitério Campo Santo Parque da Paz, também em Campina. O cronista esportivo era neto de italianos e filho de Alice Di Pace e Valerentino de Albuquerque Maranhão.

Em 2016, Tobias Di Pace foi homenageado em Campina Grande. O bairro do Catolé, onde morou durante várias décadas, recebeu uma praça construída pela prefeitura que ganhou o nome do morador ilustre. O local passou a se chamar Parque Tobias Di Pace.



Tobias Di Pace começou a carreira de árbitro de futebol, em 1965, quando tinha vínculo com a Liga Campinense de Futebol (LCF) e Federação Paraibana de Futebol (FPF); depois, deixou a arbitragem, passando a atuar como radialista esportivo

Profissional dedicado ao trabalho

Quem conviveu com Tobias Di Pace tem sempre um depoimento que eleva a memória do radialista. E para saber que ele era uma pessoa de fácil convivência não era necessário conhecê-lo de perto, manter laços estreitos de amizade. Bastava observar seu comportamento no dia a dia, suas atitudes e seu empenho para ajudar as equipes amadoras, sua dedicação ao trabalho e seu comportamento exemplar para saber que aquele era um homem de paz, um exemplo a ser seguido.

João Pinto, presidente da Associação Paraibana de Imprensa (API), foi uma dessas pessoas que conheceu o cronista. "Conheci Tobias Di Pace na Associação de Imprensa de Campina Grande. Era um homem tranquilo, que vivia do seu trabalho, uma pessoa muito querida. Era reservado. Não participava de festas e farras. Era muito caseiro", relatou.

Na lembrança, o jornalista guarda a memória do amigo com carinho. "Ele nunca ia para mesa de bar, saía do serviço e ia para casa. Era um profissional da ala antiga. Quando ficou doente, ainda trabalhava. Ia para o rádio, divulgava o esporte amador dele. O trabalho era muito importante e ele gostava do que fazia", recordou.

Contemporâneos nos Diários Associados, o diretor de esportes da Rádio Cariri FM, Romildo Nascimento, e Tobias Di Pace atuavam em funções diferentes, porém mantinham contato profissional. "Ele era da parte de esportes amadores e eu trabalhava na rádio e tv, mas nosso contato era

amigável e respeitoso. Tobias era sempre meigo, gente boa, carinhoso, humilde. E se falar em esporte amador sem o nome de Tobias Di Pace, principalmente, em Campina Grande, é uma injustiça, porque ele foi um grande amante dos esportes amadores, futebol de pelada, futebol de salão", frisou.

Romildo afirmou que, embora trabalhassem em ambientes separados e não tivessem uma convivência social, tinham contato para bater um papo sobre futebol, para falar sobre os campeonatos que ele organizava, sobre o apoio que Di Pace oferecia ao esporte amador. "Tobias era muito carismático, uma pessoa muito leal. A imagem que tenho dele é exatamente essa. Convivemos mais profissionalmente, porque naquela época eu era bem jovem e ele já passava dos 60", disse o radialista. "Mesmo que não tenhamos tido uma convivência mais próxima, lembro bem que ele era um verdadeiro cavalheiro, um homem muito bom, muito competente no universo em que vivia e fazia bem o que se propunha a fazer", elogiou.

O radialista Romildo Nascimento destacou ainda que não teve uma relação próxima com os filhos de Tobias Di Pace. Porém, sabia que ele prezava muito o ambiente familiar. "Era um bom pai de família, soube criar muito bem os filhos. Em resumo, Tobias Di Pace foi um homem que lutou pelo esporte amador e deixou um legado familiar, amigável e profissional", completou.



Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Qual o papel da área de Comunicação nas empresas em relação à LGPD?

Pelo perfil de Rodrigo Silveira Cogo, no LinkedIn, descubro que o Comitê Aberje de Comunicação e Engajamento para Inovação e Transformação Digital discutiu recentemente o tema "Impactos da LGPD no mundo digital corporativo".

A Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) entrou em vigor há poucos meses, mais precisamente no dia 18 de setembro deste ano, e ainda é motivo de muitas dúvidas. Mais: deve causar muita dor de cabeça em quem não se atualizar sobre o tema.

Conforme pesquisei da postagem de Rodrigo Cogo, os principais *insights* levantados pelo comitê da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial/Aberje (e que merecem nossa atenção) foram:

1. Independentemente da obrigação de se adequar a leis e regulamentações de proteção de dados, é preciso desenvolver consciência do valor da privacidade através de mensagens-chave e por canais contínuos, diversificados e atrativos de contato;

2. A privacidade de dados deve in-

tegrar o propósito da organização. Tudo está baseado em pessoas e depois em processos e tecnologias. Comunicação pontua, mobiliza, previne e simplifica é área indispensável em um comitê sobre LGPD;

3. Comunicação esclarece e conscientiza a equipe para detectar, gerenciar, proteger e responder sobre trato com dado simples, comportamentais, financeiros e sensíveis. Privacidade traz valor para o negócio e ser transparente gera confiança;

4. Uma jornada completa para LGPD envolve proteção e gestão de acesso, consentimento para uso, identificação e classificação de dados; e plano de reação a incidentes – tudo feito com uma narrativa estratégica, coerente e clara;

5. Comunicar sobre armazenamento de dados e sua finalidade; só coletar dados necessários; manter mailing de forma segura e acessível ao titular; revisar políticas e documentos são cuidados da área de Comunicação sobre LGPD.

Desde que a LGPD foi aprovada, tenho lido muito sobre o tema. Um aspecto que

me chamou a atenção nos insights da Aberje foi o foco em integridade, princípios, transparência, relação de confiança. Mais: dar à comunicação corporativa a devida importância nesse processo.

Observo empresários e advogados debatendo questões referentes à LGPD com muito temor e um certo ranço. A necessidade de se cumprir o que está posto pela legislação transparece obrigação na maioria das vezes. E não respeito à privacidade. Tais agentes emitem, na verdade, a mensagem de que estão preocupados apenas com potenciais danos. Ignoram que o respeito aos dados deveria ser algo natural, considerando-se os novos tempos.

Para quem pensa assim, e para quem sempre prioriza o valor (e os valores) de seu negócio, não custa nada lembrar. Quando se trata de LGPD, a palavra-chave é consentimento. Afinal, o "combinado não sai caro".

Em Tempo - Rodrigo Silveira Cogo é gerente de Desenvolvimento Associativo na Associação Brasileira de Comunicação Empresarial/Aberje



Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Carlos Augusto e as composições de Adelino

Em meados dos anos 60, Nelson Gonçalves rompeu a parceria com o compositor Adelino Moreira, pelas razões que é do conhecimento de todos, mormente com seu envolvimento com as drogas. Adelino Moreira, durante toda a sua excepcional carreira de compositor, foi uma verdadeira máquina de fazer sucesso. Com o desfazimento da parceria entre Adelino e Nelson, cantores e cantoras procuraram o grande compositor Adelino Moreira para gravar as suas criações musicais que ante não sabiam que seria sinônimo de sucesso.

Durante esses anos foi uma verdadeira romaria ao escritório de Adelino Moreira, cantores e cantoras pleteando canções do seu repertório. O primeiro deles foi um jovem cantor cearense que estava iniciando sua carreira, além de ter uma bela voz, era um cantor tido como galã, por seu estrondoso carisma no meio feminino. Nas suas primeiras gravações das composições de Adelino Moreira, obteve de imediato sucesso de público e de vendas de discos. Carlos Augusto foi o primeiro cantor a gravar o clássico "Negue" que teve um magnífico sucesso, com isso foi contratado para fazer shows nos mais importantes cassinos brasileiros.

Carlos Augusto foi um cantor de música popular brasileira. Começou a se apresentar como cantor na Rádio Itacema, de Fortaleza, no estado do Ceará. Em 1950, quando mudou para o Rio de Janeiro a fim de estudar, foi convidado a cantar como cronista da orquestra da Boate Night

and Day. Pouco depois, fez excursão ao Nordeste, como parte de uma caravana de artistas que incluía, entre outros, a cantora Emilinha Borba. Em seguida, foi contratado pelo Rádio Nacional. Estreou em discos, em 1952, quando contratado pela Sinter, e lançou, acompanhado do conjunto de boate, conforme o selo do disco "Meu sonho de amor", de Paulo César, o samba-canção "Briguei com você", de Hianto de Almeida e Haroldo de Almeida, e a valsa "Festa de formatura", de Joubert de Carvalho.

Em pouco menos de 15 anos de carreira, gravou 40 compactos em 78 RPM e seis LPs, além da participação em diferentes coletâneas. Lançou sua última gravação para o Carnaval de 1967, a marcha "Amei", de Júlio Nagib, que fez parte do LP "Carnaval 67".

Até hoje tem uma história não explicada, de que o cantor Carlos Augusto teve um encontro amoroso com Ava Gardner, a famosa atriz norte-americana da Carolina do Norte. No livro biográfico de Frank Sinatra, escrito por Bill Zehme, foi apresentada como a "mulher criança e deusa libertina, de olhos cor de esmeralda, que fora casada com Mickey Rooney, Artie Shaw e que quase leva Frank Sinatra à loucura". Aos 26 anos, já era uma estrela de primeira grandeza.

Nos anos 50, era vendido no comércio um copo longo para uísque com três inscrições: na marca de uma dose estava escrito mulher; homem para duas doses; e, quase na boca do copo, estava lá Ava Gardner. Segundo o jornalista norte-americano

Bill Zehme, da revista *Esquire*, Ava flertava bem, fumava muito, adorava esportes sangüinários, xingava bem, gostava de espagete e de muito sexo.

Ela desembarcou no Rio de Janeiro em 1954 para promover seu filme "Condessa descalça". Estava com 34 anos e no auge da carreira e da fama. O Rio de Janeiro, que sempre se desmanchou aos pés de celebridades, na época ainda mais provinciana do que hoje, enlouqueceu com a chegada da atriz. Fazia pouco tempo da morte de Getúlio Vargas e os agentes de segurança temiam que o país fosse abalado por uma revolução. O tumulto de fato ocorreu, mas foi provocado pela presença dela. A confusão começou no aeroporto do Galeão. A multidão rompeu o cordão de segurança. Ava se queixou muito das "mãos bobas". Depois de muito sufoco e empurra-empurra, Ava conseguiu entrar num taxi. Mas o carro não dava partida. Ela, nervosa, tirou o sapato do pé e bateu na cabeça do motorista. E lá se foram rumo ao Hotel Glória.

Ava Gardner não gostou nada do apartamento que lhe foi reservado. Conta-se que ela quebrou tudo que havia no quarto depois de discutir com o gerente que a expulsou de lá. Os jornalistas Sérgio Augusto e Henrique Veltman, que presenciaram toda a confusão, ajudaram Ava a levar suas malas para o hotel Copacabana Palace. Foi lá que ela conheceu o cantor cearense Carlos Augusto.

Carlos Augusto, garotão bem apanhado, voz bonita, revelado por Ary Barroso, estava fazendo sucesso, viajando pelo país ao lado de Emilinha Borba. Trabalhava como crooner da orquestra do maestro Copinha. Carlos Augusto cantava no Golden Room do Copacabana Palace. Foi lá, tomando um drinque, que Ava Gardner se interessou por ele. Apesar da fama de conquistador, quando a atriz o convidou para ir até o apartamento dela, ele se intimidou. Ele estava diante do que o cineasta francês Jean Cocteau chamou de "animal mais belo do mundo". Qualquer um tremia,

principalmente, sendo escolhido por ela. Assim mesmo, gostava de muita insistência, eles subiram.

O que aconteceu lá só os dois sabiam, mas a maldade do povo não se contentou com o silêncio deles. Os fofocheiros de plantão colocaram a imaginação pra funcionar. Uns diziam que ele negou fogo, brochou e acabou sendo expulso do apartamento. Há quem jure, como o Ayrton Rocha, que o machão cearense foi lá e domou a fera. Esta noite de alcova entre o cantor galão Carlos Augusto e a fera deslumbrante Ava Gardner o tornou muito famoso em razão de ser o único brasileiro a ter tido o privilégio de ter uma noite com a fera indomável. Ava Gardner morreu em 25 de janeiro de 1990.

Dentre as grandes composições de Adelino Moreira, vale a pena destacar a qualidade dos sambas-canção que obtiveram sucesso absoluto como "É mentira" e "Séria tão diferente", gravados em 1961, em 78 RPM. Depois, veio "Juro", "Negue", "Noite de saudade", "Chega", "Regresso", "Vitrine", "Espelho", "Rosinha do encantado", "Esta noite ou nunca", "Deus sabe o que faz" e outras dezenas de composições.

Carlos Augusto, no auge da fama, faleceu no dia 26 de outubro de 1968, aos 37 anos de idade, no bairro de Parangaba, na cidade onde nasceu Fortaleza-CE. Usava o nome artístico de Carlos Augusto, mas seu nome de registro civil era Antonio de Souza Moura. Decorrido todos esses anos deste excepcional cantor da MPB, suas gravações ainda são executadas, principalmente, em programas de remiscências, como também há participação em diferentes coletâneas pelas gravadoras Sinter, Polydor, Odeon e Philips.

Os amigos que conviveram com Carlos Augusto afirmam que ele foi um predestinado não somente pelo talentoso cantor que deu vida às canções de Adelino Moreira, mas pela noite de alcova com Ava Gardner, pois poucos homens no mundo tiveram o prazer de destrufar o corpo daquela "deusa felina".

MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walthoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es



Foto: Pixabay

Você trabalha na venda justa?

Há uma série de pré-requisitos para se trabalhar no ramo de gastronomia onde muitas pessoas não sabem qual é o valor investido de uma empresa legal funcionar. Quando me refiro a uma empresa legal, é aquela que tem CNPJ, paga os tributos e uma série de outras coisas.

Não existe fórmula mágica para um restaurante funcionar sem ter suas obrigações financeiras e fechar bem no final do mês. Existe sim uma fórmula que é única e essa vem a partir de um planejamento para o qual você quer direcionar.

Sigamos a minha linha de raciocínio: eu tenho um lanche que é um pão, carne hamburger artesanal, queijo, molho e salada. Somado a tudo isso, eu acrescento dez vezes o valor e é igual ao meu custo final?

Vamos para a regra mais correta, segundo a qual uma empresa montada paga aluguel e vende o mesmo produto. Você vai cair quando começar a ler isso. Mas o custo do meu lanche inclui pão, carne hambúrguer artesanal, queijo, molho, salada, energia, aluguel, gás, água, imposto sobre o produto vendido, contador, folha de pagamento, EPIS de funcionários, IPTU, internet, coleta de lixo, sistema operacional de venda, cerca de 27,5% do iFood se utilizar delivery, que dá um valor de R\$ 300 mês, mais taxa de entrega a uma cooperativa, percentual cobrado pelas operadoras de máquinas de pagar no cartão... e por aí vai. Essa é a realidade de quem vai enfrentar um negócio do ramo de gastronomia, mas muitos não sabem e acham que tudo são flores e muito fácil.

Tá na moda ensinar a empreender. Quem vê acha tudo muito fácil, mas é muito difícil manter uma empresa no Brasil, principalmente, no ramo de alimentação. Aprenda a vender primeiro, depois você vai aprender a ser empreendedor. Não é fácil, mas é totalmente possível se você seguir essa regra, complicada, que eu expliquei. Para que saibam que o mais difícil é conquistar sua clientela. Em outra oportunidade vamos falar sobre isso também!

Esse jogo não é para quem quer se aventurar e apenas vê se dará certo. Esse jogo é para quem é profissional e sabe jogar de verdade. Não se aventure, financeiramente, sem buscar um profissional qualificado para saber se o que você pensa vai viabilizar aquele resultado que espera.

Como sempre falo, não estamos em época de brincar de ser empresário em um novo normal que deixou muitas empresas na falência, com dívidas muito altas e fez com que outras empresas ainda não conseguissem reabrir suas portas.

Foto: Divulgação

PRATO DO DIA

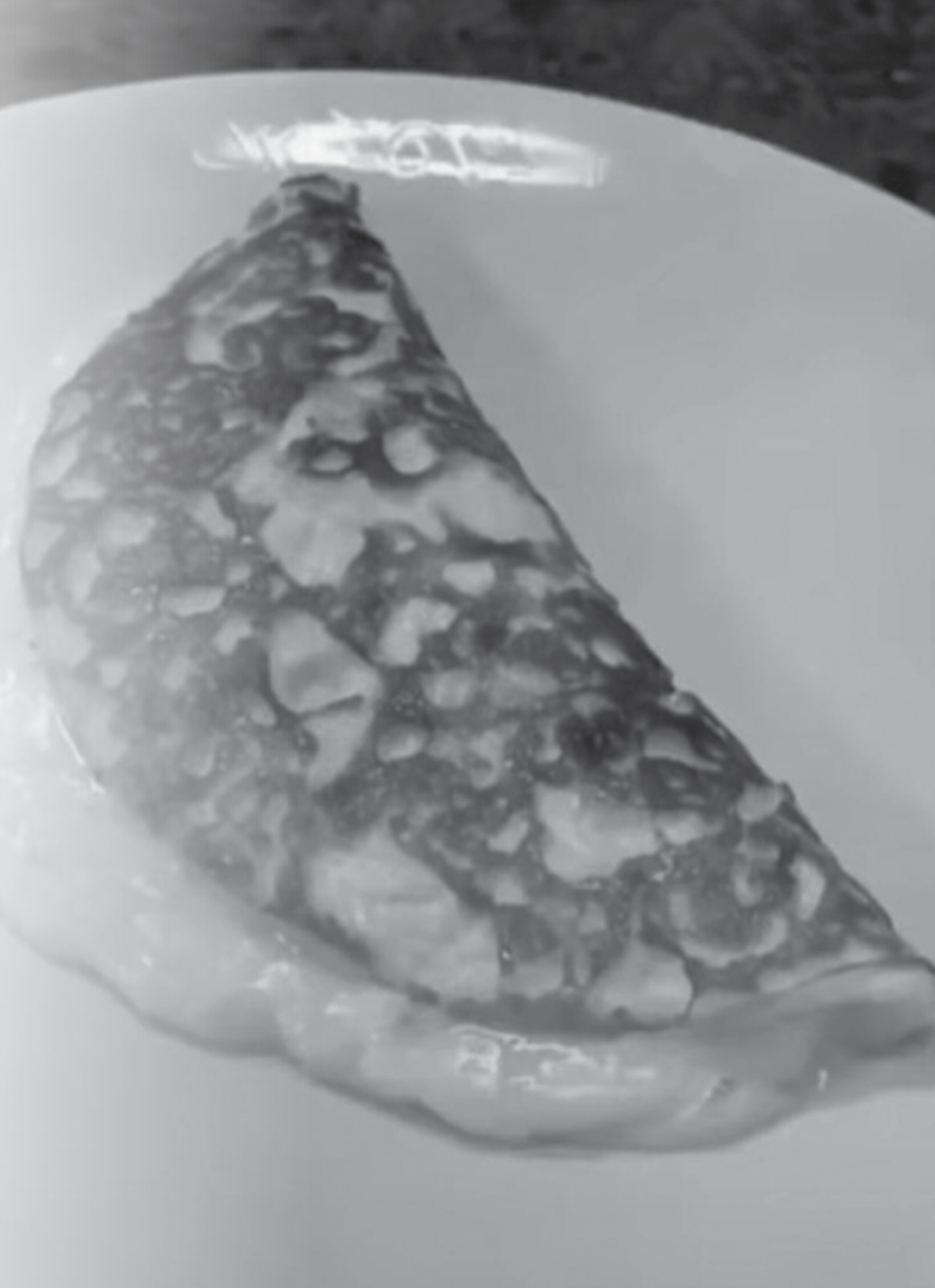
Omelete crocante

Ingredientes

- 2 ovos
- 2 colheres de sopa de creme de leite
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 200g de queijo de coalho pré-cozido fatiado fino
- 4 fatias de queijo prato
- Azeite

Modo de preparo:

Em uma frigideira antiaderente acrescente uma colher de chá de azeite, as fatias de queijo de coalho por toda a frigideira, deixando formar uma crosta. Bata os ovos com sal, pimenta e o creme de leite e coloque sobre essa crosta na frigideira e abafe com uma tampa. Quando o omelete estiver no seu ponto, coloque as lâminas de queijo prato e dobre como uma tapioca. Estará pronto e bem recheado!



QUENTINHAS

📌 Tudo que é bom dura pouco, o Paraíba Restaurant Week termina hoje e você ainda pode aproveitar os cardápios criados pelos restaurantes participantes na hora do almoço e do jantar. No Instagram da @cantaloupebr tem os menus e as informações para você escolher o restaurante e se maravilhar neste domingo.

📌 Neste formato do Paraíba Restaurant Week, fomos visitar na última quinta-feira o menu do restaurante Citron Restaurante e degustamos da maravilhosa culinária preparada neste evento. Seu Instagram @citronrestaurante.

📌 O restaurante Gurugy, que fica na Cidade do Conde, basicamente na Praia do Amor, é um local de fácil acesso, além de ter uma comida deliciosa e ficar bem perto de nossa Capital. Reúna a família, faça um passeio agradável e desfrute de uma excelente gastronomia. Visita o Instagram @gurugyrestaurante

📌 A cachaça Baraúna ainda comemorando, pela segunda vez consecutiva, a medalha de ouro da Baraúna Reserva Premium e a medalha de prata para a Baraúna Umbruna. Parabéns! Seu Instagram é o @engenhobaraua

PITADAS A GOSTO

Na história da gastronomia, fala-se que a omelete surgiu na antiga Pérsia. Ovos batidos eram misturados com ervas picadas, fritos até ficarem firmes, e depois cortados em pedaços, para formar um prato conhecido como 'kookoo'. Acredita-se que tal receita alcançou a Europa através do Médio Oriente e da África do Norte, onde sofreu adaptações e originou a frittata italiana, tortilla espanhola e omelette francesa. Na França, sua criação é atribuída a Annette Poulard, em 1888, no Monte Saint-Michel, na Normandia. Ela elaborou uma refeição nutritiva e fácil de preparar para os famintos peregrinos que chegavam ao Santuário de São Miguel.